



IMS INSTITUTO
DE MEDICINA
SOCIAL

**Rede
Observatório**
de Recursos Humanos em Saúde

Empregabilidade e Trabalho dos Enfermeiros no Brasil

Relatório Final



Novembro de 2006



Sumário

1 – Introdução.....	3
2 - Os enfermeiros na Classificação Brasileira de Ocupações.....	6
3 - Mercado de trabalho do enfermeiro – evolução da oferta.....	11
4 - Mercado de trabalho do enfermeiro – análise da demanda.....	18
5 - Mercado de trabalho do enfermeiro – análise da expansão de postos de trabalho com o Programa de Saúde da Família – PSF.....	23
6 - Descrição da metodologia utilizada - pesquisa de campo.....	26
6.1 – Pré-teste.....	27
6.2 – Desenvolvimento da pesquisa de campo.....	27
6.3 – Preparação do campo.....	29
6.4 – Plano de análise – categorias e variáveis.....	30
7 – Resultados.....	31
8 – Bibliografia.....	51
9 – Anexos	
Anexo 1 – <i>Survey</i>	
Anexo 2 – Relatório tabular	
Anexo 3 – Roteiro da entrevista	
Anexo 4 – Relatório das entrevistas	

1- Introdução

A institucionalização do Sistema Único de Saúde (SUS), a partir da Constituição Federal de 1988, faz visível a centralidade da questão dos recursos humanos como fundamental para a sua implementação.

A década de 90 foi marcada por cenários de transformações. Com o desafio de consolidar a democracia no plano da globalização, acompanhamos os esforços dos governos de realizar integração econômico-comercial e reformas administrativas. É consenso que o controle do déficit público, vinculado às exigências macroeconômicas, sempre esteve subjacente a tais esforços e reformas, incorporando, assim, as premissas de “menos Estado”, representadas pela privatização, flexibilização e desregulação (ALMEIDA, 1997).

Esta década também é marcada por um período crítico na dinâmica do mercado de trabalho no Brasil, sobretudo pela evidente tendência ao desemprego, à terceirização acelerada das ocupações urbanas, às metamorfoses do trabalho informal, refletindo, enfim, na perda de qualidade do emprego.

No contexto político de reforma do Estado, os recursos humanos em saúde, em que pese tenha sido delineada uma política de orientação igualitarista e regulamentadora, vêm passando por transformações em sua relação com as instituições prestadoras de serviços de saúde. Tais transformações caracterizam-se especialmente por um processo de desregulamentação, verificado principalmente pela substituição do emprego formal e assalariado por diversas outras modalidades de vinculação dos profissionais aos serviços.

Observam-se alternativas que transitam desde a contratação de profissionais autônomos, passando pelas formas de cooperativas, chegando ao extremo, segundo relatos, de contratos verbais. Tais modalidades vêm propiciando, entre outras conseqüências, remunerações muito diversificadas, múltiplas jornadas e direitos diferenciados (PIERANTONI, 2006).

Vários estudos vêm sendo empreendidos sobre trabalho e emprego em saúde (GIRARDI, 2003; NOGUEIRA, 1983 - 1986; MÉDICI, 1992) em sua maioria baseados em fontes secundárias.

As informações quantitativas disponibilizadas remetem-se às pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referidas aos censos demográficos decenais e à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Os censos são inquéritos demográficos nacionais realizados desde 1872, sendo, a partir do uso de meios informatizados de apuração, disponibilizados para utilização sistemática. A PNAD, realizada anualmente, tem como finalidade a produção de informações para avaliação do

desenvolvimento socioeconômico do país. As informações estão agregadas por setor de atividade e por categorias profissionais.

As formas de organização corporativas como sindicatos, federações, associações e conselhos profissionais da área de enfermagem são fontes de informações sobre aspectos relacionados, tanto a questões quantitativas como qualitativas, afetas ao exercício de atividades na área. Os conselhos, face à legislação que determina a necessidade de registro para o exercício profissional, executam atividade tanto regulatórias como fiscalizadoras do exercício profissional e das ocupações relacionadas às atividades de enfermagem.

As informações disponibilizadas em outros sistemas (instituições formadoras públicas e privadas; ingressos e egressos; disponibilidades de postos de trabalho por categoria da área de enfermagem; tipos de vínculos e remuneração; sistemas de controle do exercício profissional e sua adequação a realidades regionais, entre outros) estão distribuídas por diferentes sistemas nacionais e locais de informação, com graus variados de agregação.

Cumprе ressaltar, ainda, que estudos específicos para a enfermagem foram realizados pela Associação Brasileira de Enfermagem - ABEn no período de 1956 e 1958 e, na década de 80, temos a pesquisa de grande abrangência, realizada de forma conjunta pela ABEn e pelo Conselho Federal de Enfermagem - COFEN intitulada *O Exercício da Enfermagem nas Instituições de Saúde no Brasil - 1982/1983*. Recentemente, o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem/Ministério da Saúde (PROFAE/MS), realizou alguns estudos sobre sinais de mercado de trabalho para a enfermagem como forma de subsidiar a política de profissionalização de trabalhadores da área.

Em que pese a representatividade e a relevância de toda a força de trabalho em enfermagem no contingente dos trabalhadores da saúde no Brasil (as categorias de auxiliar de enfermagem representam 52,7% dos vínculos de emprego de profissionais da saúde em 2000 (GIRARDI, 2002)), este estudo pretende focar a atenção na categoria dos enfermeiros, especialmente aqueles que se encontram ativos, procurando delinear a configuração do emprego, o desemprego, as modalidades de vinculação e alguns traços do próprio perfil da categoria. As estatísticas do COFEN (2006) demonstram que o quantitativo de enfermeiros com registro no Brasil é de 116.457, o que representa 13,3% do total da força de trabalho de enfermagem registrada no órgão.

Assim, este estudo procura oferecer uma análise da tendência nacional do mercado de trabalho dos enfermeiros, tanto do lado da oferta como da demanda, tendo como pano de fundo as transformações que vêm ocorrendo com o trabalho no mundo globalizado. Procura cotejar a configuração do mercado de trabalho dos enfermeiros com a do mercado de trabalho

no Brasil e com o mercado de trabalho em saúde, estabelecendo as possíveis inter-relações. Por fim, buscou apontar algumas tendências para este nicho do mercado de trabalho em saúde, a dos enfermeiros, e sua repercussão em cenários futuros para a enfermagem em geral.

2 - Os enfermeiros na Classificação Brasileira de Ocupações

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é um documento que reconhece, nomeia e codifica títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Este instrumento normatizador teve, inicialmente, como base, o Cadastro Brasileiro de Ocupações¹, do Ministério do Trabalho e Emprego (M.T.E.), e a Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO) da Organização Internacional do Trabalho. Só em 1975 foi apresentado o primeiro projeto da estrutura da CBO, e, no final de 1977, a publicação do documento², como resultado de um convênio assinado entre o Brasil e as Nações Unidas em 1972.

A CBO tem como função servir, tanto como instrumento básico de informação para indicar a conformação do mercado de trabalho, como para definição e execução de políticas e programas de equilíbrio deste mercado. Assim, a CBO destina-se: ao desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre mercado de trabalho (surgimento e desaparecimento de ocupações) e de políticas de emprego e de formação profissional (reconversões e requalificações ocupacionais); à orientação para definição e investimentos tecnológicos; e a ser utilizada como base informativa para os censos demográficos.

A CBO é, também, uma valiosa ferramenta de trabalho para a definição de propostas curriculares a serem adotadas pelas instituições de formação profissional, articulando as demandas do trabalho aos projetos educacionais. Enfim, consiste em uma fonte de informações sobre todas as ocupações existentes no mercado de trabalho brasileiro, cuja finalidade é servir como referencial para as políticas de emprego e de formação profissional, bem como para orientar os planos de cargos e salários, os estudos ocupacionais, os censos demográficos, as estatísticas de mercado e para orientação de investimentos.

As ocupações da saúde estão dispostas em dois grandes grupos: o dos profissionais das ciências e das artes, que abrange os profissionais de formação superior, e o dos técnicos de nível médio, para os profissionais de ensino fundamental e médio. Encontra-se, ainda, outros trabalhadores de saúde dispersos no grande grupo de trabalhadores dos serviços, como vendedores de comércio em lojas e mercados, cozinheiros de hospitais, motoristas

1 Elaborado pelo Ministério do Trabalho em 1971 com a descrição de 503 ocupações extraídas de 103 planos de cargos enviados ao MT. (Brasil, MT, CBO/94, 2000).

2 Através da Portaria nº. 3.654 de 24/11 e publicada no Diário Oficial de 30/11/77.

de ambulância e outros. Considerando exclusivamente os profissionais da saúde, constatamos que o total das ocupações em saúde representa aproximadamente 6% do total das 3.000 ocupações relacionadas na CBO 2002³.

Comparando a CBO/1994 com a de 2002, em relação aos títulos de ocupação de três grupos de base ou famílias ocupacionais (médicos, enfermeiros e odontólogos), observa-se que em todos houve um aumento de títulos, acompanhando a tendência global verificada na CBO/2002, onde as ocupações cresceram próximo de 20% em relação à CBO/1994. Para os enfermeiros, este crescimento foi de 33,3%, passando de 9 títulos ocupacionais em 1994 para 12 em 2002.

Tomando-se como categoria de análise as especialidades reconhecidas pelo COFEN e comparando-as aos títulos ocupacionais relacionados na CBO/2002, observa-se que as especialidades reconhecidas são quantitativamente bem maiores do que os títulos ocupacionais relacionados no mercado de trabalho (as especialidades reconhecidas são 37, e os títulos ocupacionais 12).

Este diferencial pode ser indicativo do não reconhecimento, pelos pares, da ocupação no mundo do trabalho, de algumas especialidades da profissão ou, ainda, da inexistência de fato destes postos no mercado.

Os enfermeiros constituem família ocupacional, com emergência de novas especialidades, identificadas na nova CBO, que não constavam na anterior:

- Enfermeiro Auditor
- Enfermeiro de Bordo
- Enfermeiro Intensivista
- Enfermeiro Nefrologista
- Enfermeiro Neonatologista
- Enfermeiro de Berçário
- Enfermeiro de Saúde Pública
- Enfermeira Parteira
- Instrumentador Cirúrgico

Em uma análise preliminar, é interessante observar que o instrumentador cirúrgico (historicamente ocupação desempenhada por trabalhadores de nível médio/fundamental,

³ A estrutura da CBO 2002 é a seguinte: Grandes Grupos (GG), Subgrupos Principais (SGP), Subgrupos (SG), Grupos de base ou famílias ocupacionais (GB) e Ocupações (O)

preparados através de treinamento em serviço ou por cursos sem reconhecimento pelo sistema educacional) esteja integrando a família dos enfermeiros. Tal situação pode indicar uma demanda por profissionais mais qualificados para a realização do ato cirúrgico, configurando-se um possível campo de especialização para os enfermeiros. Outra especialidade que chama atenção é o enfermeiro de bordo, estando, entretanto, pouco conclusiva a descrição da ocupação ou o campo específico de atuação desta especialidade.

Comparando-se as ocupações de enfermeiros relacionadas na CBO/2002 com as especialidades reconhecidas pelo COFEN, verifica-se um expressivo distanciamento entre as prescritas pelo conselho e as referidas pelo mundo do trabalho. A especialização do enfermeiro parece ser ainda pouco aceita no mercado de trabalho, salvo aquelas mais tradicionais. Por outra via, as recomendações das diretrizes curriculares para formação da categoria, apontam para uma tendência contrária à especialização *vis a vis* as recomendações dos fóruns internacionais sobre a concepção de saúde na perspectiva da promoção e da integralidade.

Tabela 1: Comparativo entre as especialidades de enfermeiros e ocupações da CBO/2002.

ENFERMAGEM	
Especialidades Reconhecidas pelo Conselho Profissional	Classificação Brasileira de Ocupações/2002
Aero-espacial	Enfermeiro
Atendimento Pré-Hospitalar	Enfermeiro Auditor
Auditoria	Enfermeiro de Bordo
Cardiovascular	Enfermeiro de Centro Cirúrgico, Instrumentador Cirúrgico
Centro-Cirúrgico	
Clínica Cirúrgica	Enfermeiro de Terapia Intensiva, Intensivista
Clínica Médica	Enfermeiro do trabalho
Dermatologia	Enfermeiro Nefrologista
Diagnóstico por Imagem	Enfermeiro de Berçário, Neonatologista
Educação Continuada	Enfermeiro Obstétrico, Parteira
Emergência	Enfermeiro Psiquiátrico
Endocrinologia	Enfermeiro Puericultor e Pediátrico
Endoscopia	Enfermeiro de Saúde Pública, Sanitarista
Estomaterapia	
Gerenciamento	
Gerontologia e Geriatria	
Ginecologia	
Hemodinâmica	
Home-Care	
Infecção Hospitalar	
Informática	
Nefrologia	
Neonatologia	

Nutrição Parenteral	
Obstetrícia	
Oftalmologia	
Oncologia	
Pediatria	
Psiquiátrica	
Saúde Coletiva	
Saúde de Família	
Saúde Mental	
Terapias Naturais	
Trabalho	
Traumato-ortopedia	
Unidade de Esterilização	
Unidade de Tratamento Intensivo	

Fonte: CBO/MT e COFEN

A CBO pode ser considerada um indicador sensível das mudanças que estão se processando no mundo real do trabalho, independente das idealizações e das recomendações adotadas pelas instituições reguladoras ou educacionais. Uma análise preliminar aponta que a Classificação Brasileira de Ocupações lista atividades relacionadas com a área de enfermagem sob, pelo menos, dois parâmetros: um relacionado com as ações desempenhadas por grupo de ocupações assemelhadas, e outro que discrimina nomenclatura de ocupações/postos de trabalho, refletindo sua existência real no mercado de trabalho.

3 - Mercado de trabalho do enfermeiro – evolução da oferta

Para compreender a dinâmica e a configuração do mercado de trabalho dos enfermeiros, não basta analisar a oferta de postos de trabalho e as características do emprego. Faz-se necessário conhecer a oferta de mão de obra preparada para a procura de emprego no mercado.

Vale ressaltar que a qualificação do trabalho nas sociedades guarda relação com a possibilidade de acesso dos cidadãos ao sistema educativo, que delinea a formação de determinada profissão.

Atualmente, ao enfermeiro, como em outras profissões da saúde, é exigido concluir um curso de graduação para ser considerado apto para o exercício profissional. Assim, apresentaremos alguns aspectos do mercado educativo, as principais tendências das últimas décadas, estabelecendo um paralelo com a dinâmica do setor saúde.

A primeira iniciativa de que se tem registro, sobre o dados de nível nacional da enfermagem, deve-se à ABEn, que realizou entre 1956 e 1958 um levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem no Brasil, para atender a uma demanda da Fundação Kellogg, que solicitava informações das escolas de enfermagem do país, bem como de alunos matriculados e diplomados, dentre outras questões (VIEIRA & SILVA, 1994; FERRAZ, 2003)⁴.

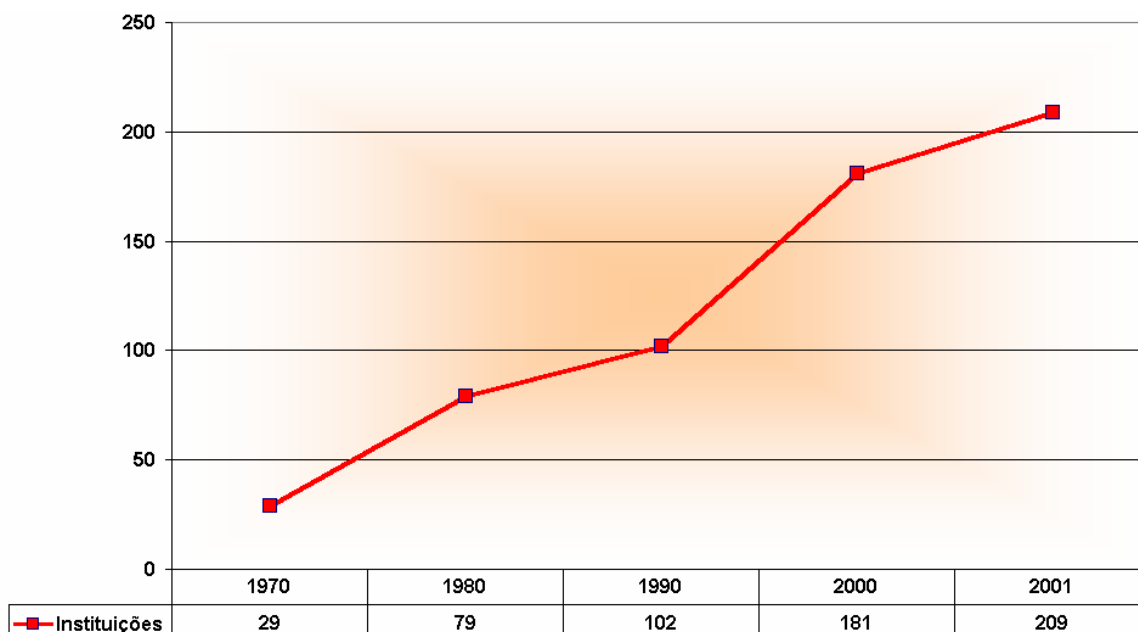
O resultado deste levantamento apontou que, já naquela época, havia uma proliferação desordenada de escolas, sem considerar as necessidades regionais, além de ausência de um órgão controlador e fiscalizador das escolas, de um número reduzido de candidatos para os cursos existentes, de um corpo docente deficiente em quantidade e em qualidade e, por fim, de grande diversidade de currículos de um curso para outro. (CARVALHO, 1976).

A tendência expansionista de cursos e instituições do ensino de enfermagem é percebida a partir da década de 70. O crescimento de escolas era a solução, apontada pelas entidades de enfermagem, para suprir o déficit de enfermeiros no país. Somado a isso havia uma política governamental de expansão de vagas e de acesso da classe média ao ensino superior. Entre 1970 e 1985 houve um crescimento de 210% no quantitativo de

⁴ Tem-se registro de estudo publicado pela ABEn em 1969 sobre a formação de Pessoal de Enfermagem no Brasil. Em 1975, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) divulgou um trabalho intitulado “Desenvolvimento do Ensino Superior de Enfermagem”. Na década de 80, o COFEN e a ABEn realizaram uma pesquisa de campo, publicada em 1985, retratando o Perfil da Força de Trabalho de Enfermagem.

instituições de graduação de enfermagem. Em 1990, o número de escolas era de 102, alcançando 181 em 2000.

Gráfico 1: Instituições de graduação de enfermagem. Brasil, 1970.



Fonte: INEP/ MEC- OBSRHS- IMS/UERJ

Observa-se, entretanto, que o crescimento de instituições de graduação de enfermagem, além de não se manter constante, não teve correspondência na procura por vagas nos cursos, no número de egressos no decorrer da década de 70 e 80, nem tampouco na configuração da estrutura ocupacional da enfermagem.

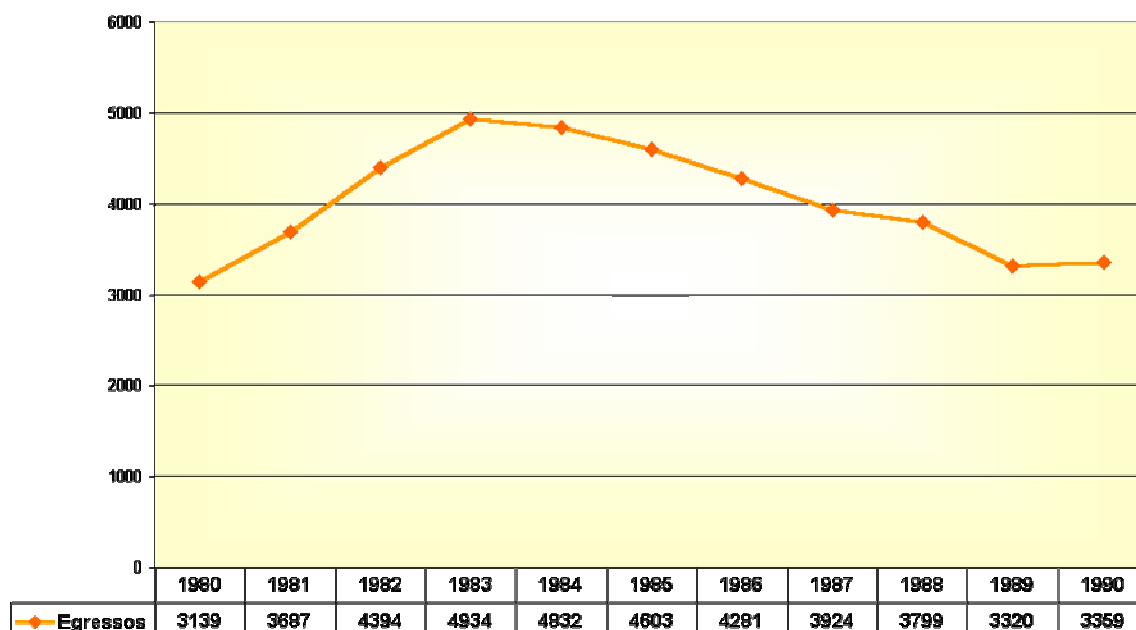
A década de 70, onde se alavanca o desenvolvimento do setor médico assistencial privado, deixa como herança para a área de enfermagem uma polarização na assistência entre médicos e atendentes, e um déficit de enfermeiros e auxiliares de enfermagem. Se, em 1956, os enfermeiros representam 11,3% da força de trabalho em enfermagem, no início da década de 80 este percentual decresce para 8,5%.

O acesso de estudantes à universidade, nos anos 80, comporta-se com um afunilamento crescente, mostrado pelo aumento da relação candidato/vaga em carreiras como medicina e odontologia. Na enfermagem, ao contrário, essa relação sofre uma redução e estabilização de candidatos para os cursos da área. Algumas análises pouco otimistas apontavam para o risco de extinção da profissão, explicado, por um lado, pela pouca procura e, por outro, pela expressiva evasão (DAL POZ & VARELLA, 1994).

A situação de baixa procura pelos cursos de enfermagem, embora se observasse uma grande empregabilidade nas instituições/serviços de saúde, pode ser vista por situações exemplares: a Escola Paulista de Medicina (hoje denominada Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP), em 1988 reduziu suas vagas de 120 para 80; a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, também em 1988, preencheu apenas 33 vagas das 80 oferecidas, da mesma forma que a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da mesma Universidade, teve apenas 12 vagas preenchidas em 1986 e 33 em 1987. A Universidade do Oeste Paulista (UNIOESTE) não realizou o concurso vestibular para enfermagem em 1988 por falta de candidatos. Ainda no mesmo ano, a Escola de Enfermagem Anna Nery, no primeiro semestre, preencheu apenas 6 vagas das 60 oferecidas. (MISHIMA, 1998).

Por outra via, o número de egressos de graduação de enfermagem em 1980 era de 3.139, e em 83 chega a 4.934, quando se inicia um declínio acentuado, alcançando em 1990 um quantitativo de 3.359 diplomados.

Gráfico 2: Egressos da graduação de enfermagem. Brasil, 1980 a 1990.



Fonte: INEP/ MEC- OBSRHS- IMS/UERJ

A década de 90 registrou um aquecimento no sistema educativo da enfermagem, com uma expressiva expansão de cursos⁵ e de vagas para a graduação em enfermagem. Note-se que, na primeira metade dessa década, predominavam cursos de instituições

⁵ Cabe lembrar aqui que existe diferença entre o número de cursos e o de instituições, uma vez que a mesma instituição pode oferecer mais de um curso.

públicas, sendo este percentual em 1991 de 57,5%. Este quadro começa a se inverter em 2000, onde 59,01% dos cursos são oferecidos em instituições de natureza privada.

O aumento do número de vagas neste período foi atrelado à expansão do setor privado. Em 1991, 51,4% das vagas ofertadas estavam no setor público de ensino. Já em 1994, o setor público, apesar de deter o maior número de escolas, oferece 41,9% das vagas. Em 1999, 68,8% das vagas oferecidas são de instituições privadas. Ressalte-se ainda que este crescimento não foi eqüitativamente distribuído pelas regiões do país. A concentração da oferta de vagas se deu nas regiões sudeste (62,4%) e sul⁶ (16,9%)⁷.

A expansão da oferta de vagas foi acompanhada do aumento da relação candidato/vaga, que na década de 80 era em média de 3,5 por vaga e em 1999 chega a 5,7. Cabe ressaltar que o crescimento da rede educacional privada não se refletiu, na década de 90, de forma equivalente, no número de egressos. Neste período, o setor público é o que mais diploma enfermeiros (60,2% em 1995 e 55,7% em 1999). O reflexo da expansão do número de vagas, especialmente do setor privado, será observado na década seguinte.

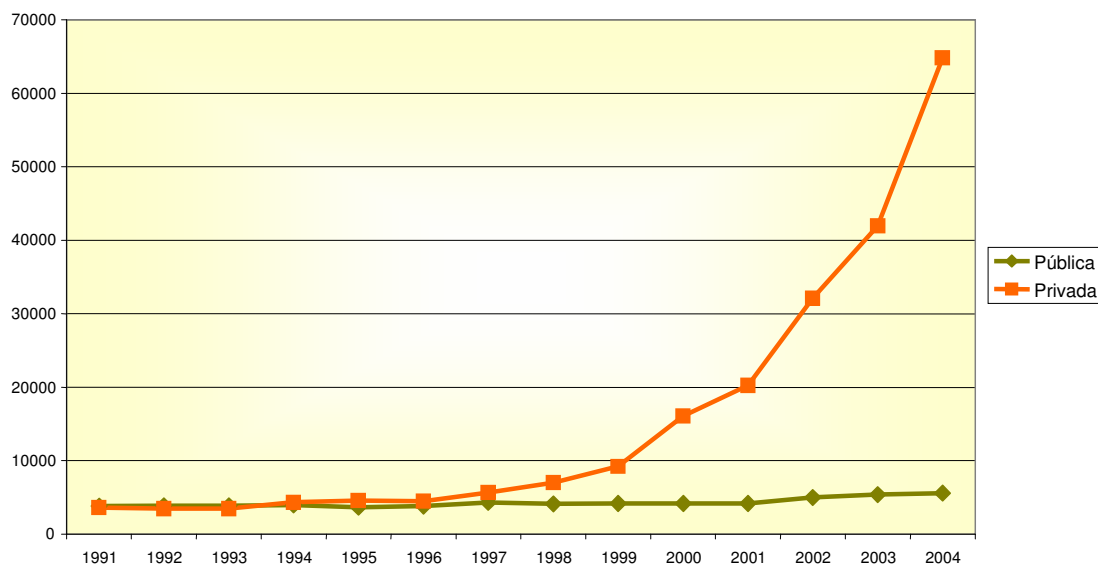
O cenário de crescimento do sistema educativo, com expressiva participação do setor privado e concentrado nas regiões sul e sudeste, pode estar atrelado à implementação do SUS, com expansão de postos de trabalho, principalmente na esfera municipal, e à implantação do PSF, que se tornou uma perspectiva atraente no mercado de trabalho dos enfermeiros. De forma geral, houve um aumento de postos de trabalho em todo o setor saúde na década de 90, na qual o patamar de empregabilidade dos enfermeiros atingiu 92,4% de absorção em 1999. (VIEIRA, 2002).

A tendência observada na década de noventa se intensifica nos anos 2000. Se, ao final da década de noventa, o crescimento de vagas no setor privado foi bastante expressivo, toma proporções muito maiores a partir do ano 2000. O percentual de crescimento de vagas de enfermagem, entre o último ano da década passada e o primeiro desta, foi de 48,2%. Tal crescimento foi de inteira responsabilidade do setor privado de ensino, que teve uma variação percentual de 69,6%. O número de vagas que, em 2000, girava em torno de 20 mil, chega a 2004 com 70.400 vagas para a graduação de enfermagem. Deste conjunto 92,04% estão em cursos do setor privado de ensino, e 67,2% na região Sudeste. Entre o início dos anos 90 e 2004 o crescimento acumulado de vagas de enfermagem foi de 843,7%.

⁶ A concentração regional observada na oferta se repete na distribuição de profissionais registrados nos seus respectivos Conselhos nas regiões do País. Em 2001 a região Sudeste detinha 49,3% dos enfermeiros registrados no Brasil.

⁷ Os percentuais regionais apresentados referem-se ao ano de 1999.

Gráfico 3 : Vagas de graduação de enfermagem segundo natureza administrativa. Brasil, 1991-2004.

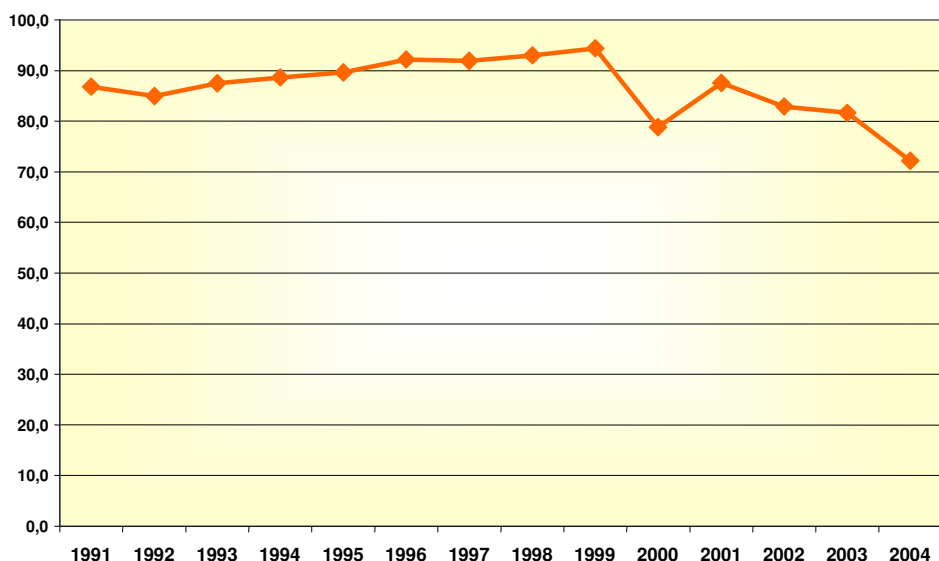


Fonte: INEP/ MEC- OBSRHS- IMS/UERJ

O aumento das vagas foi, obviamente, conseqüência da criação de novos cursos que, em 2004, somam 415 (77,6% de natureza privada) contra 106 em 1991. O número de cursos da rede pública cresce 4,5% em 13 anos, e o de número de vagas cresce na ordem de 28,1% neste período. Observa-se que, em termos proporcionais, as vagas públicas crescem mais nas regiões Norte (de 190 vagas em 1995 para 536 em 2004) e Nordeste (de 1205 vagas em 1995 para 1925 em 2004).

Apesar do intenso crescimento do número de vagas, é interessante analisar, também, o quantitativo de ingressantes e o percentual de ocupação destas vagas. Pode-se observar que o percentual de ocupação das vagas se mantém constante por quase todo o período analisado, apresentando uma queda a partir de 2000. Entretanto, comparado ao crescimento do número de vagas, esta queda não é expressiva e mostra que as vagas para a graduação estão sendo preenchidas, de 70% a 90%, nos quatro últimos anos.

Gráfico 4: Evolução do % de ocupação das vagas de graduação de enfermagem. Brasil, 1991-2004.



Fonte: INEP/ MEC- OBSRHS- IMS/UERJ

Se analisarmos as vagas em relação ao tipo de unidade acadêmica, temos que 51,5% são oferecidas por Universidades, e 28,9% por Centros Universitários. As demais são por faculdades integradas ou faculdades isoladas⁸.

A mudança observada está na inversão privado/público do quantitativo de diplomados. Enquanto nos anos 90 a rede pública detinha o maior quantitativo de egressos, a partir de

⁸ O INEP faz a seguinte classificação para tipos de Unidades acadêmicas: Universidades - São instituições pluridisciplinares, públicas ou privadas, de formação de quadros profissionais de nível superior, que desenvolvem atividades regulares de ensino, pesquisa e extensão.

Universidades Especializadas - São instituições de educação superior, públicas ou privadas, especializadas em um campo do saber como, por exemplo, Ciências da Saúde ou Ciências Sociais, nas quais são desenvolvidas atividades de ensino e pesquisa e extensão, em áreas básicas e/ou aplicadas.

Centros Universitários - São instituições de educação superior, públicas ou privadas, pluricurriculares, que devem oferecer ensino de excelência e oportunidades de qualificação ao corpo docente e condições de trabalho à comunidade escolar.

Centros Universitários Especializados - São instituições de educação superior, públicas ou privadas, que atuam numa área de conhecimento específica ou de formação profissional, devendo oferecer ensino de excelência e oportunidades de qualificação ao corpo docente e condições de trabalho à comunidade escolar.

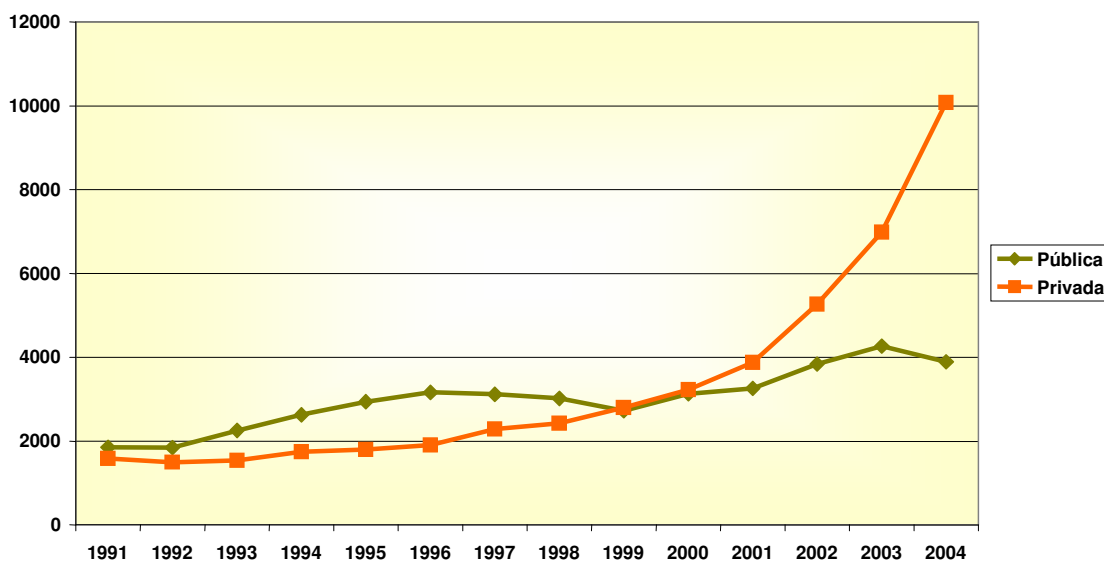
Faculdades Integradas e Faculdades - São instituições de educação superior, públicas ou privadas, com propostas curriculares em mais de uma área do conhecimento, organizadas sob o mesmo comando e regimento comum, com a finalidade de formar profissionais de nível superior, podendo ministrar cursos nos vários níveis (seqüenciais, de graduação, de pós-graduação e de extensão) e modalidades do ensino.

Institutos Superiores ou Escolas Superiores - São instituições de educação superior, públicas ou privadas, com finalidade de ministrar cursos nos vários níveis (seqüenciais, de graduação, de pós-graduação e de extensão).

Centros de Educação Tecnológica - São instituições especializadas de educação profissional, públicas ou privadas, com a finalidade de qualificar profissionais em cursos superiores de educação tecnológica para os diversos setores da economia e realizar pesquisa e desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade, oferecendo, inclusive, mecanismos para a educação continuada.

2000 a situação se inverte; a rede privada passa a ostentar o maior o número de egressos. Tal fato já é reflexo da expansão mais acentuada da rede privada a partir de 1997. Observa-se que, em 2004, o percentual de egressos da rede privada chega a 72,1%. O gráfico abaixo ilustra a situação.

Gráfico 5: Egressos de graduação de enfermagem segundo natureza administrativa. Brasil, 1991-2004.



Fonte: INEP/ MEC- OBSRHS- IMS/UERJ

A tendência ao crescimento de egressos da rede privada provavelmente será mais expressiva, nos anos subseqüentes, em função do “boom” no número de vagas deste setor. Considerando que o percentual de evasão vem se mantendo entre 23,7% e 34,5%⁹, nos próximos dois anos, adotando-se uma taxa de evasão de 30% e calculando os ingressos a partir de 2001, o país contará com cerca de 99 mil enfermeiros a mais disponíveis no mercado de trabalho.

⁹ O percentual de evasão foi calculado comparado os concluintes e os ingressos de 4 anos anterior.

4 - Mercado de trabalho do enfermeiro – análise da demanda

Como já discutido, entende-se mercado de trabalho como uma relação entre a oferta de mão de obra e a demanda por ela, ou seja, uma relação entre os que têm emprego a oferecer e os que estão à procura de trabalho. Nas sociedades contemporâneas não se identifica um único mercado de trabalho, mas um mosaico com vários segmentos, articulados ou não, que utilizam formas diversificadas de relações e de acesso ao trabalho.

Freidson (2001) diferencia três tipos ideais de mercado de trabalho: um primeiro, regulado pela forças de mercado; um segundo, burocraticamente regulado e, por fim, os mercados de trabalho regulados profissionalmente. Nestes últimos, o setor saúde pode ser considerado um caso exemplar.

Ao considerar o mercado de trabalho brasileiro, os segmentos podem ser aglutinados em três grupamentos: o formal - aquele em que os trabalhadores têm garantias trabalhistas; o informal, onde a força de trabalho é desprovida de direitos trabalhistas e de relações contratuais formalizadas; e o mercado de trabalho autônomo (VIEIRA, 2002).

Para analisar o mercado de trabalho do enfermeiro, e sua empregabilidade, enfrentamos restrições de informações dos segmentos informal e autônomo. A possibilidade de análise se dá a partir de dados do mercado formal, mais especificamente, os dados disponibilizados pela pesquisa da Assistência Médico-Sanitária - AMS/IBGE, com última edição em 1999, que alcança os postos de trabalho de todos os estabelecimentos que prestam assistência à saúde no país, e pelos dados disponíveis nos registros administrativos do Ministério do Trabalho - Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)¹⁰ e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)¹¹. A RAIS, de caráter censitário e de periodicidade anual, abrange todo o universo do mercado formal (pessoas ocupadas com carteira assinada, estatutários, avulsos e temporários). Já o CAGED abrange o mercado formal celetista e tem periodicidade mensal.

O mercado de trabalho dos enfermeiros mostra crescimento positivo no setor saúde nas últimas décadas. Entre 1977 e 1987, os postos de trabalho de enfermeiro mais que duplicaram. A tendência ascendente continua e, até 1992, tem-se registro de mais 12.000 postos de trabalho, com taxa de crescimento de 41,3%; em 1999 este quantitativo

¹⁰ Instituída pelo Decreto Lei nº 76.900/75.

¹¹ Instituída pelo Decreto Lei nº 4.923/65.

alcança 70.175 - um incremento bruto de 479,0% em 22 anos. A taxa bruta de absorção neste ano é de 92,4%, tendo como referência o número de enfermeiros registrados no COFEN. (VIEIRA, 2002).

Entre os anos de 1995 e 2000 os vínculos de emprego de profissões e ocupações relacionadas à função saúde apresentaram um crescimento bruto de 13,9%, enquanto o emprego assalariado em geral registrou incremento de 10,4%. No entanto, neste mesmo período, os vínculos de emprego dos enfermeiros tiveram incremento bruto negativo - 1,9%. (GIRARDI, 2002).

Tal diminuição parece ter sido influenciada pela redução de empregos, tanto no setor público quanto no privado, cuja taxa de incremento bruto foi negativa neste período (-8,7% e -8,1%, respectivamente). Em contrapartida, o setor privado não lucrativo apresenta um crescimento de 27,4%. No conjunto de empregos, a participação do setor público era de 51,43% em 1995, passando em 2000 para 47,85%; o setor privado lucrativo também diminuiu sua participação e, no não lucrativo, a participação percentual dos empregos cresceu (27,07%).

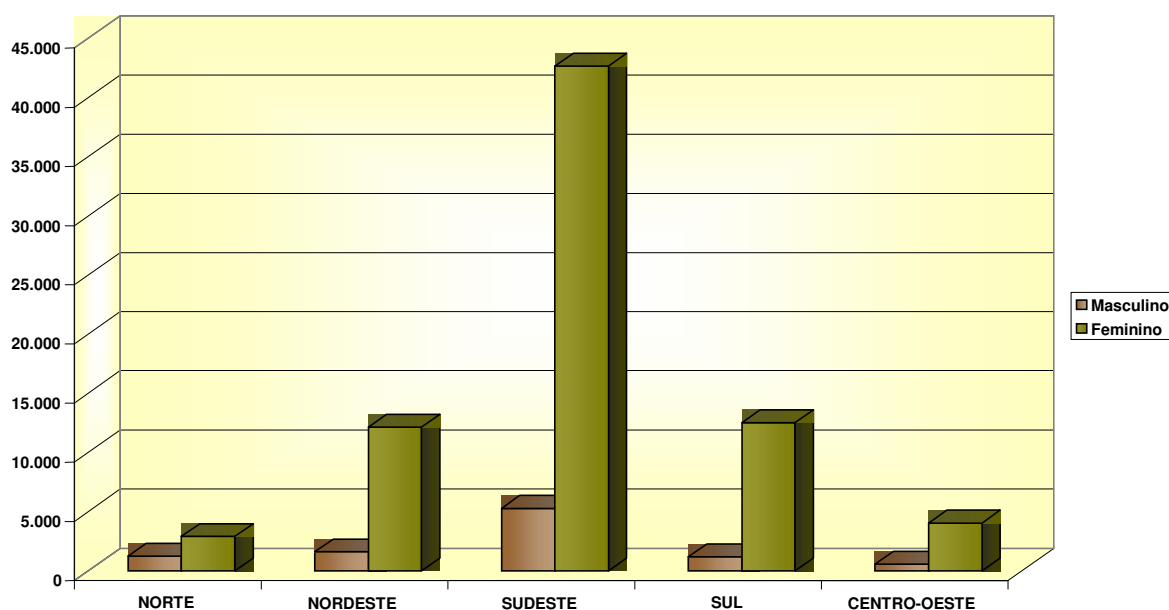
Com o processo de descentralização, após a instituição do SUS, há um deslocamento de empregos públicos, principalmente para a esfera municipal. O percentual de empregos federais de enfermeiros no ano de 1995 registrava um valor de 15,1%, já neste ano bem inferior às esferas estaduais (43,2%) e municipais (31,5%). Em 2000 os empregos federais de enfermeiros representavam 1,5% do conjunto de empregos públicos, os estaduais 49,9% e os municipais 48,1%; as taxas de incremento bruto nessas esferas administrativas foram - 91,1; 5,3 e 39,5 respectivamente.

O cenário pode apontar para a extinção de empregos de enfermeiros, na esfera federal, nos próximos anos, caso não haja mudanças na política de recursos humanos nesta esfera administrativa, com a abertura de novos postos de trabalho.

As informações disponibilizadas pela RAIS apresentam limitações por se referirem apenas ao mercado formal. Segundo as estimativas com base na PNAD, o número total de pessoas ocupadas em atividades relacionadas à saúde chega a 5,6 milhões, enquanto na RAIS 2000 este quantitativo é de 2.591.176 empregados, considerado todo o macro setor. Tal comparação, mesmo observadas restrições metodológicas, pode dar indicativos de um expressivo contingente não alcançado por esse registro do Ministério do Trabalho. Uma outra questão a ser colocada refere-se aos registros do setor público, que não especificam muitas vezes a ocupação e englobam vários empregos sob a denominação de funcionário público (GIRARDI, 2002).

Mesmo reconhecendo as limitações, a RAIS é uma importante fonte de informação para orientar estudos sobre mercado de trabalho. De acordo com este registro, o Brasil ostenta 84.159 de vínculos de enfermeiros, sendo que, destes, 56,9% estão na região sudeste. Os vínculos de enfermeiro como servidor público representam 44,7% e os trabalhadores vinculados à pessoa jurídica 54% . Se, em 2000, no setor saúde como um todo, 73% dos vínculos eram femininos entre os enfermeiros, este percentual sobe, em 2003, para 88,3%.

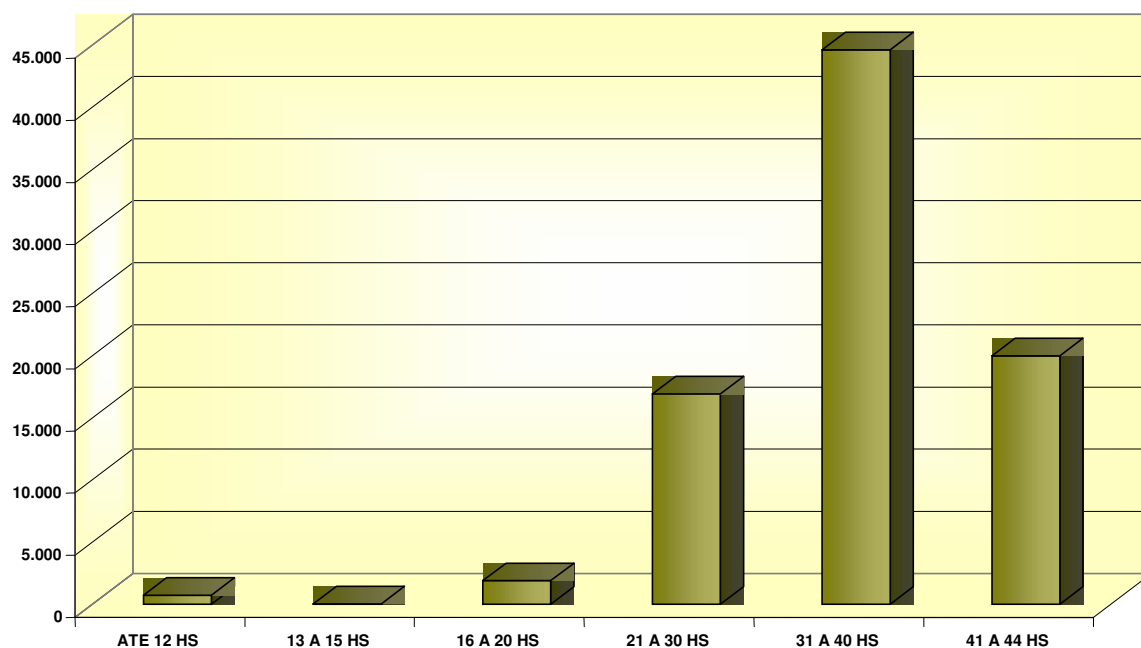
Gráfico 6: Vínculos ativos de enfermeiros por região segundo gênero. Brasil, 2003.



Fonte: MT/RAIS 2003

Em relação ao número de horas trabalhadas, observamos que 53% dos enfermeiros cumprem uma carga horária na faixa de 31 a 40 horas semanais. A concentração de vínculos nesta faixa de horas trabalhadas não tem diferença expressiva quando comparamos os vínculos públicos - RJU (24%) com os vínculos pela CLT com pessoa jurídica (28,7%).

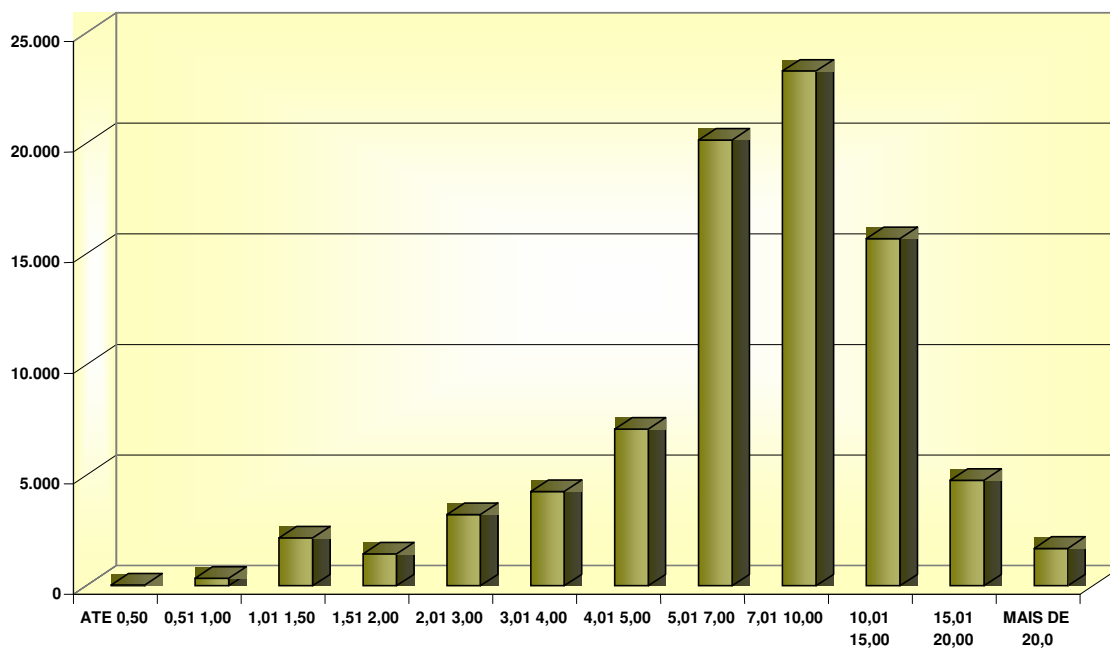
Gráfico 7: Vínculos de enfermeiros por carga horária. Brasil, 2003.



Fonte: MT/RAIS-2003

Buscou-se também analisar a remuneração média dos enfermeiros. Observa-se que a maior concentração de vínculos (27,7%) está na faixa dos que recebem de 7,01 a 10 salários mínimos. Nota-se, ainda, que 46,3% dos enfermeiros recebem entre 5 e 15 salários mínimos. Este dado, se comparado com a média de salário de algumas das ocupações de saúde selecionadas (médico, cirurgião dentista, veterinário/zootecnista, farmacêutico e nutricionista), entre janeiro de 2004 e de 2005, que fica em torno de 5,4 salários, indica que os enfermeiros tendem a estar um pouco acima da média.

Gráfico 8: Enfermeiros por faixa salarial em salários mínimos. Brasil, 2003.



Fonte: MT/RAIS-2003

Na seqüência, traremos, para discutir, alguns dados sobre a expansão de postos de trabalho induzida pelo Programa de Saúde da Família.

5 - Mercado de trabalho do enfermeiro – análise da expansão de postos de trabalho com o Programa de Saúde da Família – PSF

O PSF constitui-se em estratégia de fortalecimento da Atenção Básica no âmbito do SUS, cujos princípios, pautados nos valores da solidariedade e da cidadania, atendem ao preceito constitucional de saúde como direito de todos e dever do Estado. Representa uma das intervenções de maior visibilidade e impacto no campo das políticas de saúde implementadas em nosso país, a partir da segunda metade da década de 90.

Elevado à condição de estratégia estruturante dos sistemas municipais de saúde, o PSF tem demonstrado potencialidade para provocar um importante movimento de reordenamento do modelo de atenção vigente. Iniciado em 1994, quando foram implantadas 328 equipes com a meta de cobrir cuidados básicos de saúde para cerca de 1 milhão de pessoas, o PSF encontra-se atualmente com 20.561 equipes¹², abrangendo 83,6% dos municípios brasileiros e com uma cobertura que ultrapassa os 70 milhões de pessoas (BRASIL, 2004).

A adoção, no início da década de 1990, da estratégia de Saúde da Família, bem como o seu crescimento expressivo nos últimos anos, além de provocar mudanças substantivas no modelo de atenção à saúde e expressar potencialidade de ampliar o acesso aos serviços básicos, trouxe um considerável impacto nas dimensões e configurações dos mercados educativos e de trabalho das profissões do setor. A abertura de novos postos de trabalho, especialmente para médicos e enfermeiros, é fato, e guarda certa equivalência com o número de equipes implantadas.

Os gestores de sistemas de saúde municipais se viram diante do dilema: de um lado a pressão pela expansão de serviços de saúde com a adoção do PSF, e de outro, o contingenciamento de recursos financeiros e novas formas de remuneração dos serviços com o estabelecimento do Piso de Atenção Básica¹³ - PAB e a Lei de Responsabilidade Fiscal¹⁴, impondo constrangimentos para contratação de pessoal.

A utilização de modalidades mais flexíveis para a incorporação de trabalhadores (especialmente nos anos 90) foi a estratégia adotada para driblar os obstáculos legais,

¹² A distribuição regional pode ser vista com mais detalhes em www.portalsaude.gov.br

¹³ O PAB foi implantado pela portaria 1882/97 e consiste numa sistemática de repasse financeiro fundo a fundo de um montante de recursos *per capita* para que os municípios responsabilizem-se pela atenção básica da população local. O valor *per capita* varia de R\$10,00 a R\$15,00 dependendo da capacidade do município.

¹⁴ Lembramos ainda que o setor público é regido por lei que associa as despesas com pessoal às receitas líquidas das administrações federais, estaduais e municipais, limitando o gasto a no máximo 60% da receita para os estados e municípios e em 50% da receita líquida federal - Lei complementar nº. 101 de 4 de maio de 2000.

configurando-se, entretanto, como aditivo aos problemas de recursos humanos para a saúde. As contratações observadas têm sido objeto de polêmica, no que tange aos aspectos legais envolvidos, e muitas delas, no setor público de saúde, têm ocorrido na fronteira da legalidade.

Assim, gestores e dirigentes de Recursos Humanos (RH) enfrentam na atualidade problemas que se perpetuam desde a implantação do SUS, desde gerenciar trabalhadores e profissionais das diferentes esferas de governo, com contratos e salários diferenciados, realizando o mesmo tipo de atividade e integrados num mesmo processo de trabalho, bem como lidar com novas formas de inserção de trabalhadores com várias modalidades de vínculos, muitos de formas mais flexíveis ou com características de trabalho precário.

Em relação aos enfermeiros, é consensual que o PSF representou um importante incremento na oferta de postos de trabalho. Na pesquisa “Agentes Institucionais e Modalidades de Contratação de Pessoal no Programa de Saúde da Família no Brasil¹⁵”, o número de enfermeiros no PSF em 2001 estava na ordem de 14.061 profissionais. Este quantitativo representa 15% dos profissionais registrados no COFEN no mesmo ano, 19,9% dos postos de trabalho em serviços de saúde e 20% dos vínculos formais de emprego (GIRARDI & CARVALHO, 2003).

Os enfermeiros ocupam, também, cerca de 70% dos cargos de coordenador do programa nos municípios que possuem coordenação específica para o PSF. A maioria dos enfermeiros que atuam no PSF está na faixa etária de 30 a 49 anos (58,69%) e 90,91% são mulheres.

Em relação à formação técnico-científica, 43,13% dos enfermeiros do PSF têm até 4 anos de formados, sendo que 70,68% são oriundos de graduações de instituições públicas, exceção para as regiões Sul e Sudeste, onde 40% se formaram em instituições privadas.

A experiência principal declarada é na saúde pública. Apenas 35,49% fizeram algum curso de especialização, sendo mais reduzido ainda o quantitativo com mestrado ou doutorado - 1,45%.

As prefeituras são os agentes responsáveis pela contratação de 85% dos enfermeiros; os demais são contratados por outros agentes institucionais como entidades filantrópicas (4,3%) e cooperativas (3,4%). Contraditoriamente, as prefeituras utilizam de forma prioritária o expediente de contratação temporária ou de prestação de serviços (69,7% dos enfermeiros são contratados por estes agentes). Já os demais agentes institucionais

¹⁵ Pesquisa telefônica realizada por EPSM/NESCON/UFMG, 2001.

adotam contratos mais protegidos, como pela via CLT, em cerca de 69% dos enfermeiros contratados por entidades filantrópicas e por outras do terceiro setor.

Segundo Machado (2000), 43,67% dos enfermeiros são incorporados ao PSF por meio de contrato temporário. Somando-se as demais formas flexíveis de contrato de trabalho, estima-se que 61,17% dos enfermeiros não usufruam das garantias jurídicas e direitos trabalhistas. Exceção pode ser verificada na região Sul, onde 44,44% dos enfermeiros são servidores públicos estatutários.

O tempo de permanência destes profissionais no programa é de menos de um ano. As formas de ingresso no PSF foram predominantemente por entrevista e seleção de currículo; apenas 14,08% foram submetidos a concurso público.

O valor salarial médio para enfermeiros no PSF é de R\$1,75 mil, podendo variar entre o mínimo de R\$550,00 a R\$3.500,00. O PSF pratica, em média, valores superiores aos do mercado, em torno de 30 %. Não há diferenças regionais quanto a este aspecto, visto que, em todas as regiões, os salários do PSF são superiores aos do mercado. A média salarial dos enfermeiros no PSF, apesar de estar superior à praticada no mercado, pode estar declinando: em 1998 o salário médio dos enfermeiros era de R\$1.909,10. Já em relação à carga horária semanal, para 68,22% dos profissionais, varia entre 31 e 40 horas.

Os dados apresentados corroboram a tese de que políticas expansionistas de atenção à saúde, como o PSF, além de influenciar positivamente na expansão de postos de trabalho dos enfermeiros, alteram especificamente as modalidades de contratação destes profissionais no serviço público, em especial na atenção básica de saúde, com formas mais flexíveis e até precárias de vínculo.

Em síntese, a nova dinâmica observada no mercado de trabalho em geral, pode, em parte, ser percebida na configuração do trabalho do enfermeiro neste novo campo que se ampliou na década de 90 - o PSF, principalmente nas formas assalariadas, sem formalização e mecanismos de proteção.

6 - Descrição da metodologia utilizada - pesquisa de campo

Este estudo se propôs a configurar a dinâmica do mercado de trabalho dos enfermeiros no Brasil, focalizando a oferta e as condições de emprego do enfermeiro. Mais especificamente: quantificar e qualificar a oferta de enfermeiros, analisando as instituições formadoras, as vagas, os ingressos e egressos, em conformidade com a natureza jurídica das Instituições de Ensino Superior (IES); identificar as formas de inserção dos enfermeiros no mercado de trabalho, com destaque para as características do emprego, para a relação de trabalho estabelecida, e para as condições de trabalho; e, por fim, estabelecer o perfil do enfermeiro, com ênfase na formação/qualificação profissional, na qualidade do posto de trabalho ocupado e nas atividades por eles desempenhadas.

Poder-se-ia inferir, de maneira apriorística, que o emprego de enfermeiro portava características de forte assalariamento, baixa autonomia, pequena inserção em postos de direção, emprego único, e baixo exercício como profissional liberal¹⁶. As transformações ocorridas no mundo do trabalho, decorrentes da reestruturação produtiva, já seriam passíveis de observação na prática da enfermagem, via flexibilização das relações de trabalho, não obstante um aparente grau satisfatório de empregabilidade. Acreditava-se haver uma tendência atual para novas formas de organização social do trabalho do enfermeiro, com aumento da autonomia e de inserção em postos de direção. O desequilíbrio entre a oferta de enfermeiros e a disponibilidade de postos de trabalho, acrescido da necessidade de recomposição da renda familiar e da perda da capacidade de compra dos salários, fez com que os enfermeiros aumentassem o número de horas de trabalho e adotassem a prática do multi-emprego.

A proposta metodológica deste estudo está apoiada em uma abordagem qualitativa que se valerá de métodos quantitativos. O estudo foi dirigido para a busca de informações em fontes secundárias, que deram indicativos do cenário nacional. Entretanto, seu foco foi apontado para um inquérito, em amostra não aleatória, que investigou a situação atual dos enfermeiros, através de variáveis selecionadas (flexibilidade das relações de trabalho, emprego, autonomia, qualificação profissional).

Assim foram efetuadas as seguintes etapas:

¹⁶ O enfermeiro foi incluído na Consolidação dos Profissionais Liberais pela portaria 94/62 do Ministério do Trabalho vigorando a partir de julho de 1964.

- Levantamento e avaliação de dados secundários da RAIS/CAGED, INEP/ME;
- *Survey* aplicado por meio de questionário à amostra não aleatória de enfermeiros ativos que participaram dos Congressos do COFEN e da ABEn;
- Entrevista com atores qualificados (Presidente da ABEn, dirigentes de CORENS regionais) para verificar a tendência presumida para o mercado de trabalho dos enfermeiros.

6.1 - Pré-teste

Foi realizado um pré-teste, com aplicação do questionário a 20 enfermeiros do Hospital Universitário Pedro Ernesto - UERJ. A partir dos resultados e das dificuldades apontadas pelos participantes, procedeu-se a um ajuste no instrumento, retirando ou aperfeiçoando as questões.

6.2 - Desenvolvimento da pesquisa de campo

A pesquisa foi direcionada ao conjunto dos enfermeiros que participaram do 8º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem, realizado no período de 24 a 28 de outubro de 2005, em Maceió/AL e no 57º Congresso Brasileiro de Enfermagem, no período de 3 a 7 de novembro de 2005, Goiânia/GO.

Para a coleta de dados foi elaborado um questionário auto-aplicável, composto de questões objetivas e estruturadas, contendo perguntas *informativas* e *opinativas*. O instrumento (Apêndice 1) foi constituído de 4 blocos:

Bloco I – Identificação - 8 questões:

Idade, sexo, responsabilidade pela manutenção da casa, local de residência e local de trabalho.

Bloco II - Formação profissional - 20 questões:

Instituição em que se graduou, ano de conclusão da graduação, habilitação, outra graduação, pós - graduação (especialização, residência, mestrado e doutorado), utilização da internet, acessibilidade ao aprimoramento profissional.

Bloco III – Mercado de trabalho - 27 questões:

Tipo de vínculo, forma de contrato, unidade e setor de trabalho, principais atribuições no trabalho, cargo de chefia, multi-emprego, regime de trabalho, jornada, salários, condições de trabalho, autonomia profissional, outra atividade remunerada fora da enfermagem.

Bloco IV - A enfermagem e participação política – opinativas - 14 questões:

Auto-percepção da profissão e perspectiva profissional, avaliação da legislação e das entidades de classe.

Além das questões do estudo, o instrumento foi acompanhado de um termo de consentimento livre e esclarecido e de uma carta dirigida aos enfermeiros solicitando a sua participação e colaboração.

Nos dois eventos os enfermeiros foram convidados a participar da pesquisa, sendo, no momento da abordagem, explicitados os objetivos do estudo e identificada a instituição responsável pela pesquisa. Foi solicitada a devolução do questionário, devidamente preenchido, até a finalização do evento.

No 8º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem foram distribuídos 800 formulários, sendo obtido um retorno de 221 ao término do evento. No 57º Congresso Brasileiro de Enfermagem foram distribuídos 1100 exemplares aos participantes, com retorno de 330. Cabe ressaltar o recebimento de mais 16 questionários enviados posteriormente, via postal, considerados como pertencentes ao conjunto do segundo evento, resultando num total de 567 questionários devolvidos. Destes, dois não estavam completos. Por opção metodológica, reservou-se o preenchimento completo do formulário aos enfermeiros em atividade laboral por ocasião do *survey*. Tal procedimento foi orientado no corpo do formulário, gerando, assim, conjuntos diferenciados de respostas, quais sejam, N= 565 (para a totalidade dos respondentes) e N=543 (para enfermeiros em atividade laboral).

Frise-se estarmos tratando de uma clientela de enfermeiros diferenciada: que freqüenta congressos e que responde a questionários. Não se tratando, portanto, de uma amostra aleatória. Sabe-se que a magnitude do *viés* presente em nossa amostra não é desprezível. Mesmo assim, de posse dos 565 questionários respondidos, realizamos, a posteriori, um cálculo amostral adotando um intervalo de confiança de 90%, resultando, a partir da estratificação por região natural de residência, numa amostra de 548** enfermeiros, com possibilidade de erro variando entre 4,8 e 7,8% conforme a tabela abaixo.

Tabela 2: Amostra da pesquisa segundo região por erro percentual. Brasil, 2005.

Região	Universo*	Cobertura**	Erro Percentual
Centro Oeste	8327	80	4,8%
Norte	6484	39	6,0%
Nordeste	26951	160	5,5%
Sul	18861	62	7,8%
Sudeste	55834	207	5,7%
Brasil	116457	548	

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

*Número de enfermeiros registrados no COFEN

**Número de registros contendo a informação sobre a unidade federativa de residência do profissional

No decorrer do 8º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem foram agendadas e realizadas entrevistas com dirigentes de 10 Conselhos Regionais de Enfermagem, a saber: Amazonas, Ceará, São Paulo, Paraíba, Espírito Santo, Piauí, Mato Grosso, Alagoas, Distrito Federal e Santa Catarina. Foi entrevistada, também, posteriormente, a presidente da Associação Brasileira de Enfermagem. As entrevistas foram realizadas com base em roteiro de questões semi-estruturadas (Apêndice 3), cujo objetivo era rastrear a tendência presumida para o mercado de trabalho dos enfermeiros.

6.3 - Preparação do campo

Além das etapas metodológicas, o trabalho exigiu procedimentos operacionais prévios, com vistas à viabilidade do processo. Para a realização da pesquisa foram feitas articulações com os dirigentes das instituições responsáveis pelos eventos (Presidente do COFEN, Presidente da ABEn Nacional e a Presidente do 57º Brasileiro de Enfermagem- ABEn Goiás).

A solicitação foi oficializada pela Coordenação da Estação de Trabalho do IMS/UERJ, da Rede Observatório de Recursos Humanos, acompanhada de cópia do projeto de pesquisa e do instrumento de coleta de dados.

6.4 - Plano de análise – categorias e variáveis

Recolhidos os questionários procedeu-se ao desenvolvimento de uma base de dados em *Acess*, interfaciada por formulário eletrônico padronizado para digitalização, com posterior tabulação dos dados. Após a digitação, com duração de duas semanas, os dados foram processados por meio do programa Sphinx.

Considerando os dados secundários apresentados e os blocos de questões, estabeleceram-se algumas categorias e variáveis para análise dos resultados obtidos.

Em relação ao trabalho, a análise será pautada na classificação de modalidades de vínculo e no tipo de flexibilização verificada. Entendendo por flexibilização não, necessariamente, forma precária de emprego, com perda de proteção social, mas ajustes introduzidos para adequar a mão de obra ao volume da produção.

Para analisar as formas de remuneração os resultados serão observados pela modalidade de assalariamento, por jornada de trabalho e pela composição entre trabalho assalariado e outras modalidades de remuneração.

Serão considerados indicadores do grau de autonomia: a inserção em atividades como profissional liberal, em cargos de direção, e em outras em que seja explicitado poder decisório sobre as atividades desenvolvidas.

O grau de empregabilidade será visto pela capacidade de absorção, pelo mercado dos profissionais, e para isso serão considerados a relação entre o tempo de formação e a obtenção do primeiro emprego, o desemprego e o multi-emprego.

Além destas questões centrais buscar-se-á informações sobre o perfil do enfermeiro, com enfoque na qualificação profissional e no tipo de atividade desenvolvida. A qualificação profissional será avaliada pelo nível de especialização. As atividades desenvolvidas serão categorizadas em função de sua referência à assistência, à docência/ensino, à pesquisa e à gerência.

A partir de freqüências simples foram feitos cruzamentos, considerando como variáveis a qualificação profissional (a pós-graduação) e o tempo de formação. Além disso, os resultados foram estratificados pelos dois eventos.

7 - Resultados

O mercado de trabalho dos enfermeiros no Brasil, seja pela conformação da oferta advinda das condições da formação, seja pela capacidade de absorção da demanda por postos de trabalho, corporificou o conjunto de preocupações e inquietações deste estudo.

Os dados secundários, que configuraram as condições da formação, apontam para a crescente expansão de cursos e vagas de graduação para enfermeiros, especialmente pela rede privada de ensino. Este crescimento terá como corolário uma duplicação do número atual de enfermeiros no mercado de trabalho nos próximos dois anos. O que terá motivado tal expansão? Como está se dando a formação dos enfermeiros? Que mecanismos estão sendo adotados para garantir a qualidade dos enfermeiros graduados? Que conseqüências poderão ser presumidas para o futuro deste mercado?

Os dados referentes à demanda mostram um crescimento de postos de trabalho de enfermeiros no decorrer dos últimos anos. As políticas públicas de saúde tiveram papel central neste incremento (via, por exemplo, o PSF). Esta expansão de oportunidades de trabalho pode explicar um aumento de pessoas interessadas nesta profissão?

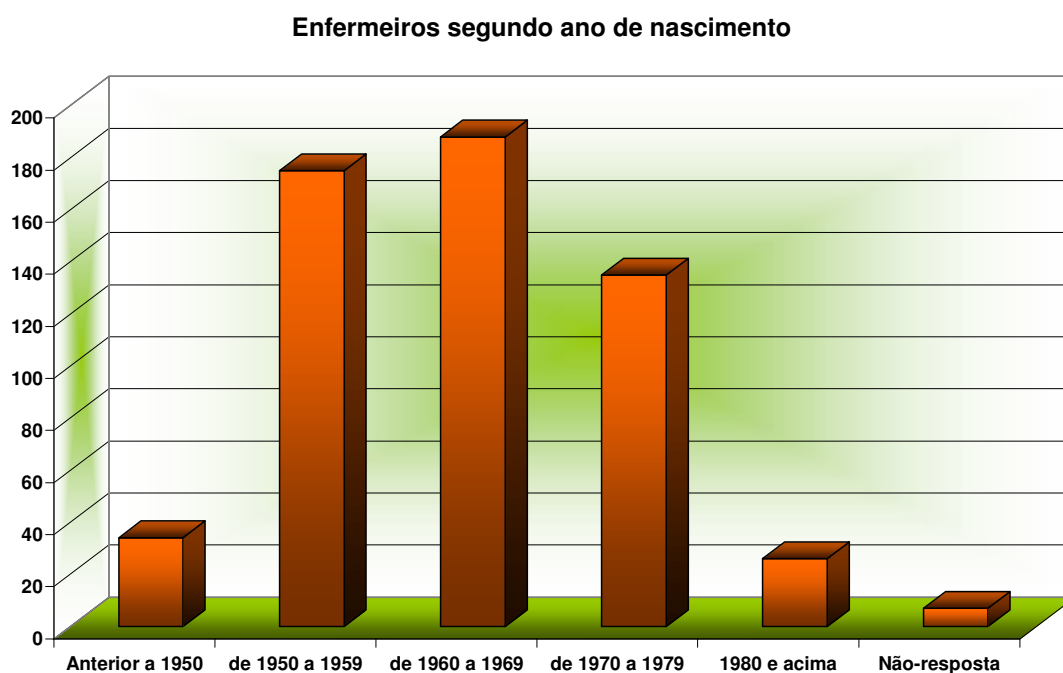
Os resultados que serão apresentados da pesquisa empírica poderão dar algumas pistas para o entendimento destas questões, bem como responder a outras indagações do início deste estudo.

Como já exposto, o estudo foi feito com os enfermeiros participantes de dois grandes Congressos da categoria. Foram distribuídos 1900 questionários com um retorno de 567. Destes, dois estavam incompletos, conformando o universo estudado em 565 respondentes.

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos em freqüência simples, de acordo com o conjunto de questões abordado em cada bloco do *survey*.

No universo pesquisado 88,9% dos enfermeiros são do gênero feminino. Apesar do aumento da procura de do curso de enfermagem pelo gênero masculino a profissão de enfermeiro ainda é predominantemente feminina. Observa-se que 64,3% dos enfermeiros pesquisados estão na faixa etária entre 35 e 55 anos e 99,1% são brasileiros.

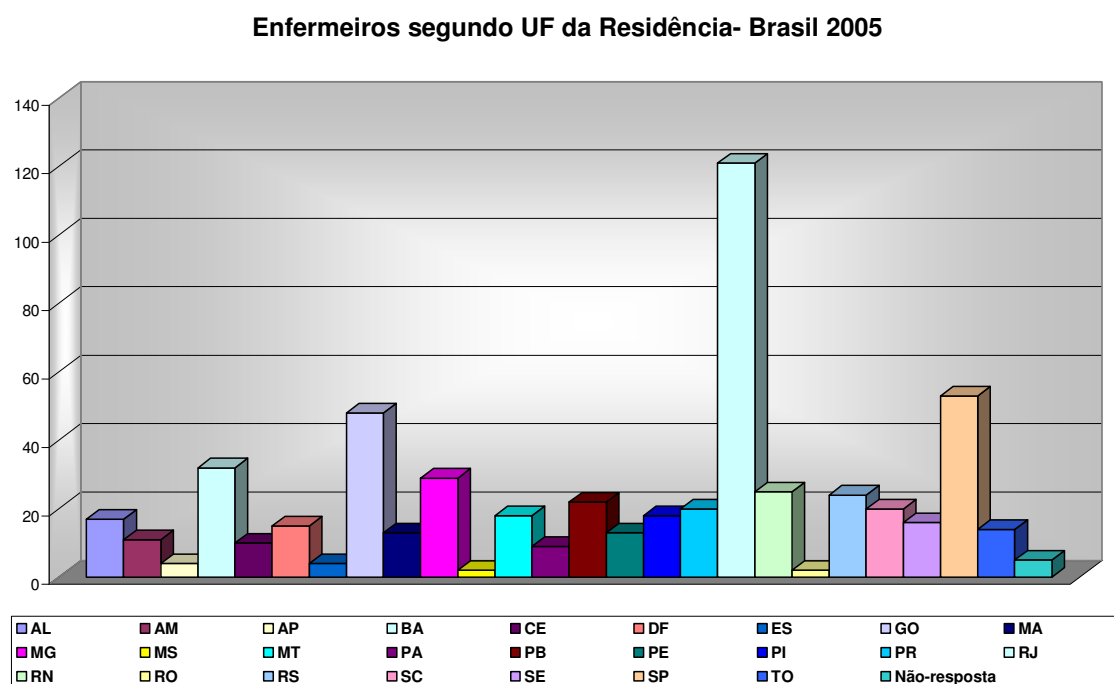
Gráfico 9: Enfermeiros segundo o ano de nascimento. Brasil, 2005.



Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

O estudo abrangeu enfermeiros de todo o Brasil sendo assim como na distribuição nacional dos enfermeiros no país, observou-se uma maior concentração de residentes nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo.

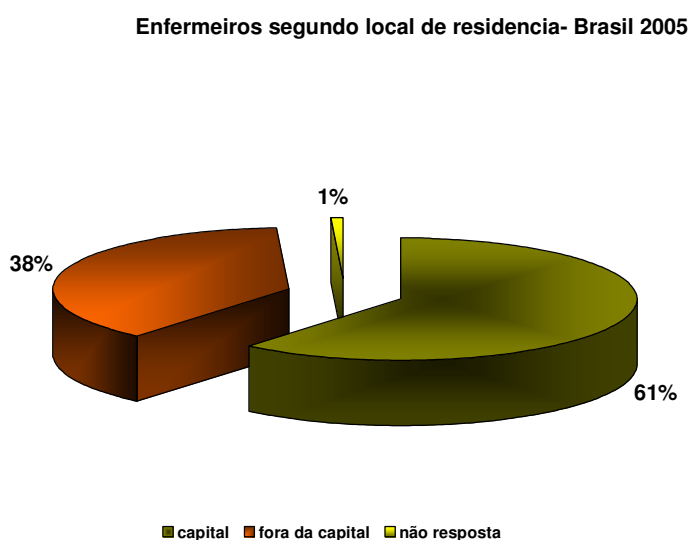
Gráfico 10: Enfermeiros segundo UF da residência. Brasil, 2005.



Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Observou-se também, que a maioria dos enfermeiros estudados residem nas capitais.

Gráfico 11: Enfermeiros segundo local de residência. Brasil, 2005.



Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

A pesquisa mostrou que 55,5% dos enfermeiros são os principais responsáveis pela manutenção da casa.

Se compararmos a UF da residência dos enfermeiros pesquisados com a de onde se graduaram, pode-se inferir que quase não há movimento migratório expressivo dentro do país.

Procurou-se investigar o ano de conclusão da graduação, observou-se que 35,2% têm entre 16 e 25 anos de formado e que 20,3% se formaram após o ano 2000.

Tabela 3: Enfermeiros segundo o ano de conclusão da graduação. Brasil, 2005.

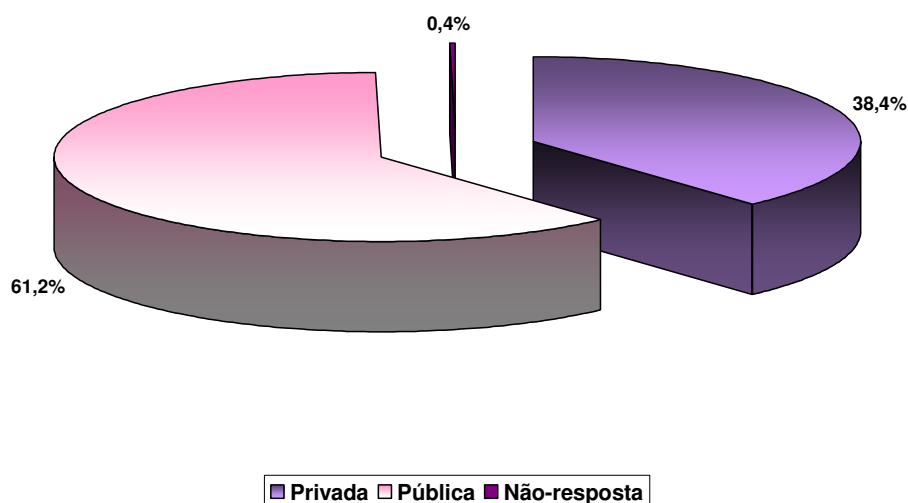
Ano de conclusão	No. cit.	Freq.
Anterior a 1960	3	0,53%
de 1960 a 1969	9	1,59%
de 1970 a 1979	95	16,81%
de 1980 a 1989	199	35,22%
de 1990 a 1999	134	23,72%
2000 e acima	115	20,35%
Não-resposta	10	1,77%
TOTAL OBS.	565	100%

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Em relação à natureza jurídica da faculdade em que se graduaram 61,2% cursou a enfermagem em estabelecimentos públicos, o que guarda coerência com os distribuição dos cursos nas décadas passadas, onde predominavam as faculdades públicas.

Gráfico 12: Enfermeiros segundo natureza jurídica do estabelecimento da graduação. Brasil, 2005

**Enfermeiros segundo natureza jurídica do estabelecimento da graduação-
Brasil 2005**



Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Observou-se que 62,6% dos enfermeiros realizaram estágios extra curriculares durante a graduação sendo que destes 47,7% como Acadêmico Bolsista.

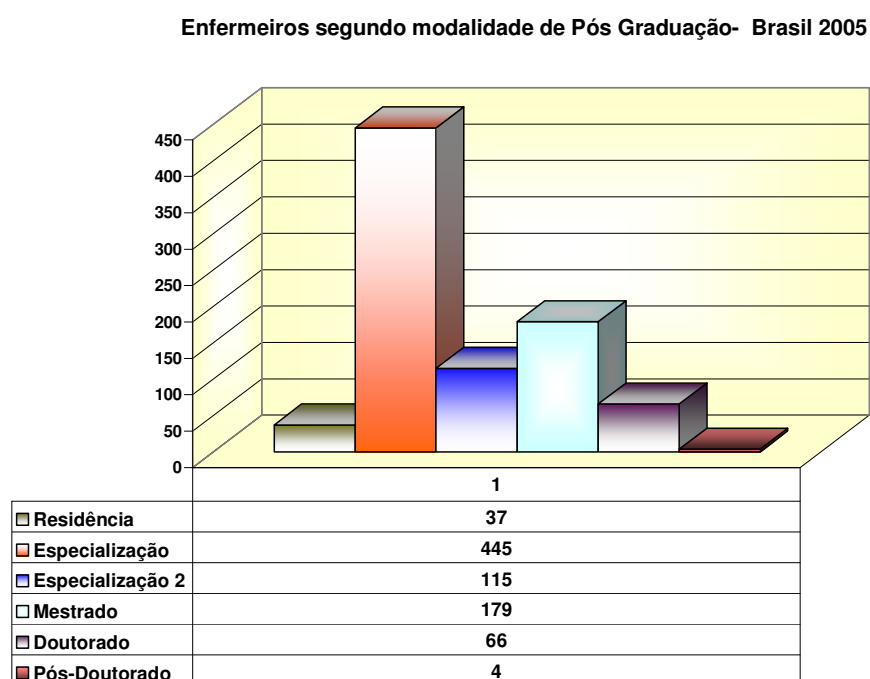
O estudo buscou identificar se a graduação em enfermagem é uma progressão de estudos para o curso técnico ou auxiliar. Observou-se que apenas (19,3%) responderam afirmativamente que fizeram curso técnico ou de auxiliar de enfermagem antes da graduação. Esta configuração poderá ser alterada em um futuro próximo em virtude do aumento expressivo de cursos, principalmente na rede privada e alguns oferecendo cursos noturnos.

Outra questão observada é que poucos enfermeiros fizeram outra graduação (9,03%) sendo que destes 58,8% as fizeram em cursos da área de ciências humanas. Deste universo 53,9% concluíram a outra graduação entre 1980 e 1999 e 23,5% após o ano 2000.

Procurou-se investigar se os enfermeiros do universo pesquisado tinham feito habilitação. Obteve-se como resultado que 55,7% responderam sim e que destes 36,8% concluíram o curso ente 1980 e1989. A habilitação mais citada foi a de saúde pública. Observou-se também que 67,6% dos enfermeiros que fizeram o curso, o realizaram em instituições públicas.

Em relação à pós-graduação, 85,84% do universo pesquisado realizaram alguma modalidade deste gênero de curso. Os cursos de especialização foram os mais citados- 91,8%- sendo que 23,7% realizaram uma segunda especialização. Chamou atenção que 36,9% deste universo têm curso de mestrado e 13,6% de doutorado. Cabe lembrar que este resultado pode conter um viés da pesquisa em função do universo da amostra ser os participantes dos congressos da categoria, o que por si, já é um conjunto de profissionais diferenciado.

Gráfico 13: Enfermeiros segundo modalidade de Pós-graduação. Brasil, 2005.



Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Observa-se também que o acesso à especialização aumentou de forma expressiva a partir do ano 2000. Na década de 90, 17,59% dos que possuem pós graduação concluíram a especialização neste período. Já a partir de 2000 este percentual sobe para 31,2%.

Tabela 4: Enfermeiros segundo ano da especialização. Brasil, 2005.

Ano da especialização	No. cit.	Freq.
antes de 1980	17	3,94%
de 1980 a 1989	55	12,73%
de 1990 a 1999	76	17,59%
2000 e acima	135	31,25%
Não-resposta	149	34,49%
TOTAL CIT.	432	100%

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Quando investigado se enfermeiros têm acesso a computador/ internet, 94,7% responderam afirmativamente. Os principais temas de interesse são em ordem de freqüência citada: saúde pública, educação, saúde coletiva e saúde da família.

Buscou-se conhecer como a categoria percebia a facilidade ou dificuldade de acesso a modalidades de aprimoramento profissional. Responderam que tinham dificuldade em realizar aprimoramento profissional 59,8%. Os principais motivos foram em ordem de freqüência citada: alto custo dos eventos científicos, falta de apoio institucional e falta de tempo.

Quando indagado sobre que tipo de aprimoramento gostaria de fazer obteve-se principalmente, em ordem de freqüência citada: mestrado, doutorado e cursos no exterior.

Em relação a situação de trabalho, 96,1% dos enfermeiros estão exercendo a profissão (ativos) como pode ser observado na tabela abaixo.

Tabela 5: Enfermeiros segundo condição de trabalho. Brasil, 2005.

Situação de trabalho atual	No. cit.	Freq.
Ativo (exercendo a profissão de enfermeiro)	543	96,11%
Aposentado	9	1,59%
Desempregado	6	1,06%
Afastado	1	0,18%
Abandonou a profissão	2	0,35%
Não-resposta	4	0,71%
TOTAL OBS.	565	100%

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Os que estão afastados ou abandonaram a profissão alegaram como motivo salário baixo e insatisfação com as condições de trabalho. Aqueles que declararam estar desempregados citaram como principal motivo a pouca oportunidade na área em que está habilitado.

A pesquisa só teve continuidade para os enfermeiros que se declararam ativos, sendo assim o universo da pesquisa passa a ser $n= 543$.

Buscou-se investigar o tempo entre a conclusão da graduação e a inserção no mercado de trabalho. Observa-se que 85,3% conseguiram o primeiro emprego com menos de 1 ano de formado e 6,6% com 1 ano. Assim com 1 ano de formado 91,9% dos enfermeiros já estão ocupados.

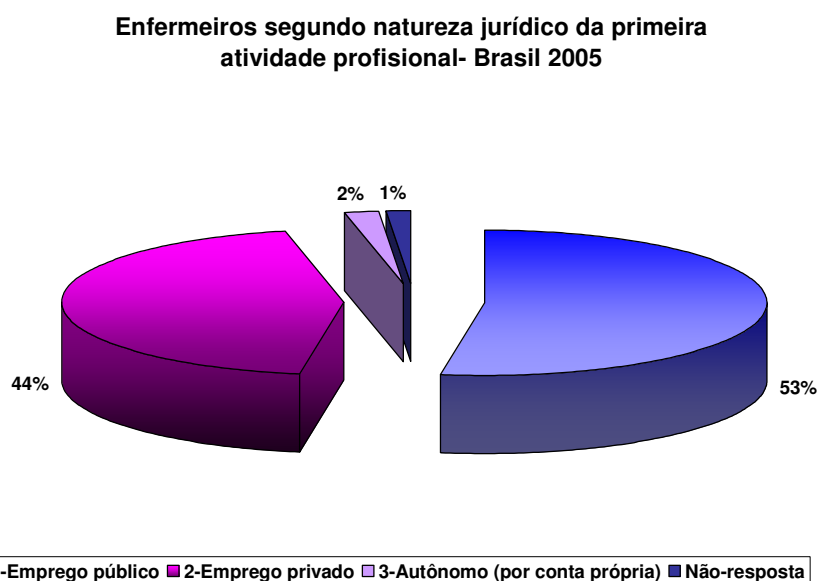
Tabela 6: Enfermeiros segundo tempo de formado e inserção no primeiro emprego. Brasil, 2005.

Primeiro emprego	No. cit.	Freq.
Menos de 1 ano de formado	463	85,27%
1 ano de formado	36	6,63%
De 2 a 3 anos de formado	22	4,05%
De 4 a 5 anos de formado	11	2,03%
5 Mais de 5 anos de formado	6	1,10%
Não-resposta	5	0,92%
TOTAL OBS.	543	100%

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

A primeira atividade como enfermeiro declarada por 52,5% dos enfermeiros foi no serviço público. Apenas 2% declaram a primeira atividade como autônomo.

Gráfico 14: Enfermeiros segundo natureza jurídica da primeira atividade profissional. Brasil, 2005.



Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Do universo estudado 24,9% trabalham como enfermeiro de 12 a 20 anos e 30,6 de 20 a 30 anos. Os enfermeiros com menos de 12 anos de atividade representam 29,4% do total.

Em relação ao número de empregos, 47,5% dos enfermeiros declararam ter 1 emprego, 39,4% declararam ter 2 empregos e 9,6% ter 3 empregos. Os que declararam ter mais de três empregos representam apenas 1,8% do universo pesquisado.

Tabela 7: Enfermeiros segundo o número de empregos. Brasil, 2005.

Quantos empregos	No. Cit.	Freq.
Um	258	47,51%
Dois	214	39,41%
Três	52	9,58%
Mais de três	10	1,84%
Não-resposta	9	1,66%
TOTAL OBS.	543	100%

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Procurou-se investigar também qual a principal atividade desenvolvida no trabalho. Obteve-se como resposta em ordem de frequência citada, ensino, cuidado direto ao paciente hospitalizado, cuidado direto ao paciente ambulatorial.

Em relação à renda global com o trabalho como enfermeiro, 52,7% declararam ganhos na faixa de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.999,00.

Tabela 8: Distribuição dos enfermeiros por renda total com o trabalho de enfermeiro. Brasil, 2005.

RENDA TOTAL	Nº cit.	F%
Menos de R\$500,00	1	0,2
De R\$500,00 a R\$999,00	4	0,7
De R\$1000,00 a R\$1999,00	65	12
De R\$2000,00 a R\$3999,00	287	52,9
De R\$4000,00 a R\$5999,00	131	24,1
Acima de R\$6000,00	52	9,6
Não-resposta	3	0,6
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Para avaliar emprego, vínculo, atividade, regime de trabalho e remuneração, optou-se por adotar metodologia semelhante à utilizada no imposto de renda. Desta forma investigamos o emprego que confere a principal renda, o segundo emprego e o terceiro, caso houvesse, separadamente.

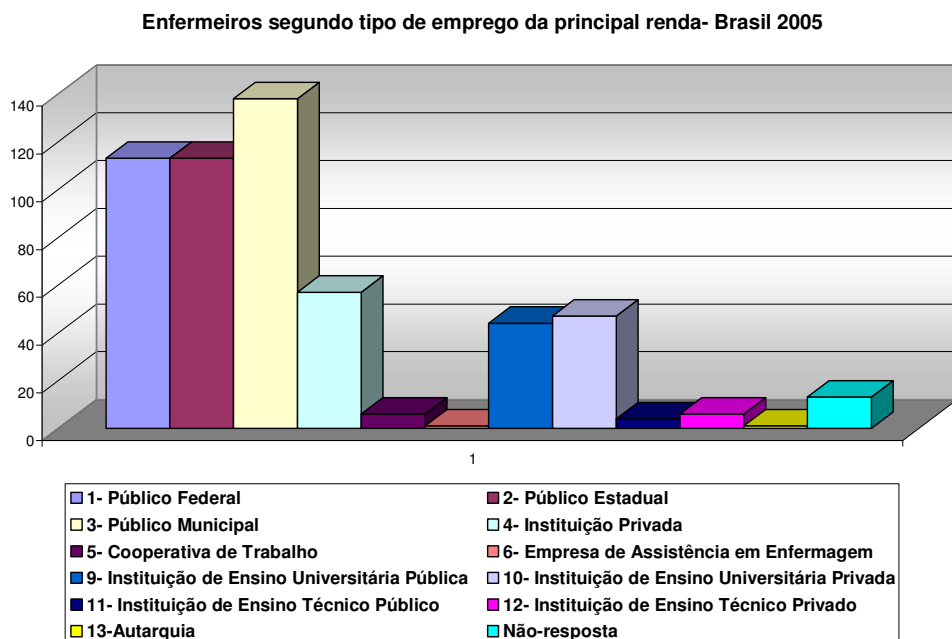
Quando perguntado sobre o emprego que conferia a principal renda 25,4% referiram o emprego público municipal, seguido com o mesmo percentual, 20,8% do emprego público federal e estadual. Em relação ao tipo de vínculo, 55,6% são funcionário público estatutário e 14,7% são celetistas. No emprego principal 49,7% dos enfermeiros declararam rendimentos na faixa de R\$ 2.000,00 a R\$3.999,00. A principal atividade desenvolvida foi em ordem de frequência ensino/pesquisa e rede básica de saúde/PSF, 21,9% e 21,2% respectivamente. Neste conjunto 61,1% trabalham como diaristas e 56% cumprindo 40 horas semanais.

Tabela 9: Distribuição dos enfermeiros por salário mensal no emprego principal. Brasil, 2005.

SALÁRIO MENSAL	Nº cita	F%
Menos de R\$500	3	0,55
De R\$1000 a R\$ 1999	0	0,00
De R\$1000,00 a R\$1999,00	123	22,65
De R\$2000,00 a R\$3999,000	270	49,72
De R\$4000,00 a R\$5999,000	71	13,08
De R\$500,00 a R\$999,00	12	2,21
Acima de R\$6000,00	28	5,16
Não respondeu	36	6,63
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Gráfico 15: Enfermeiros segundo tipo de emprego da principal renda. Brasil, 2005.



Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Os que responderam possuir o segundo emprego (n=237) 24,5% estão em emprego público municipal, 23,2% em emprego público estadual, 14,3% em instituição privada e 11,0% tanto em emprego público federal quanto em instituição de ensino universitário privado. No segundo emprego 40,5% são funcionários públicos estatutário e 19,8% pela CLT e somam 22,4% os contratos temporários e de prestação de serviço. A renda declarada por 48,5% no segundo emprego está na faixa de R\$1.000,00 a R\$ 1.999,00.

Neste vínculo predominam também as atividades de ensino/pesquisa seguida de atividades em hospital geral e rede básica de saúde/PSF. Em relação ao regime de trabalho 60,8% trabalham com diaristas com carga horária semanal de 30 horas (35,4%) e 20 horas (31,6%).

No universo pesquisado 58 enfermeiros declararam possuir uma terceira situação. Neste grupo 13,8% estão em instituições privadas e 12,1% em emprego público municipal e o mesmo percentual em cooperativas de trabalho. Os tipos de vínculos mais citados são em ordem de frequência contrato temporário e funcionário público estatutário (22,4%) CLT (19,0%) e prestação de serviço (15,5%). Os rendimentos estão na faixa de R\$ 500,00 a R\$ 999,00 para 36,2% dos respondentes. Continua predominando neste grupo as atividades de ensino/pesquisa (55,2%). Neste grupo 48,% são diaristas e 51,7% trabalham 20 horas semanais.

Foi investigado sobre a prática de assistência e consulta particular de enfermagem, apenas 11 enfermeiros ativos responderam de forma afirmativa.

Quanto a exercer outra atividade fora da enfermagem, 12,3% do universo estudado tem outra atividade para complementar a renda. Neste conjunto (n=67) 40,3% declararam rendimentos na faixa de R\$ 500,00 a R\$ 999,00.

Outra questão pesquisada foi se os enfermeiros estiveram desempregados nos últimos 3 anos onde 88,7% responderam negativamente. Dos 19 que declaram desemprego nos últimos 3 anos 52,6% foi por menos de seis meses.

A pesquisa mostrou também que a maioria dos enfermeiros não teve dificuldade para conseguir emprego e não mudou de trabalho nos últimos dois anos

Tabela 10: Enfermeiros segundo dificuldades em encontrar emprego. Brasil, 2005.

Dificuldades de encontrar emprego	No. cit.	Freq.
Sim	19	3,50%
Não	410	75,51%
Não-resposta	114	20,99%
TOTAL OBS.	543	100%

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 11 – Enfermeiros segundo mudança de emprego nos últimos dois anos. Brasil, 2005.

Mudou de emprego nos últimos dois anos	No. cit.	Freq.
Nenhuma	390	71,82%
Uma	60	11,05%
Duas	21	3,87%
Três	6	1,10%
Mais de três	3	0,55%
Não-resposta	63	11,60%
TOTAL OBS.	543	100%

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

As principais razões apontadas para a mudança de emprego foram em ordem de frequência: insatisfação com o ambiente de trabalho (relações interpessoais), insatisfação salarial e insatisfação com as condições de trabalho.

O último bloco do *survey* foi composto de questões opinativas e sobre a participação sócio política do enfermeiro.

Foi indagado aos enfermeiros se estavam satisfeitos com seu exercício profissional. Responderam afirmativamente 75,7% apontando como razão em ordem de frequência

citada: realização profissional (60,6%) e gostar da área do cuidado ao ser humano (30,4%). Dos que responderam negativamente (n=109) atribuíram como razão trabalhar muito e não ser bem remunerado (54,1%) e ter uma jornada de trabalho elevada (21,1%). Já em relação às condições de trabalho a situação se inverte, pois 60,4% afirmaram não estar satisfeito principalmente por falta de infra-estrutura para o desempenho das atividades, falta de recursos humanos e falta de recursos materiais.

Foram apontados como principais problemas que afetam a enfermagem no Brasil, em ordem de frequência: baixos salários, condições de trabalho desfavoráveis ao exercício da profissão, conflitos no exercício da profissão decorrentes do relacionamento com outros profissionais da equipe de saúde e baixo reconhecimento social.

Sobre a atividade de enfermeiro observou-se que 58,7% consideram a atividade desgastante/estressante, 38,7% cansativa, 21,0% como um trabalho como qualquer outro e 8,6% consideram que a atividade prejudica a saúde.

No conjunto pesquisado, 91,2% afirmaram que o enfermeiro precisa de mais reconhecimento social e apontam com principal motivo o fato de qualquer membro da equipe de enfermagem ser chamado de enfermeiro (43%) e por não ser reconhecido como um profissional de nível universitário. (28,5%).

Procurou-se identificar qual a percepção do enfermeiro sobre a influência do SUS no mercado de trabalho da categoria. 48% acham que o SUS ampliou o mercado de trabalho e 30,6% opinaram que houve melhoria nas perspectivas profissionais.

Foram oferecidas assertivas sobre a profissão do enfermeiro em relação à autonomia. Na opinião dos enfermeiros em ordem de frequência: o enfermeiro vem aumentando seu grau de autonomia tendo na atualidade possibilidade de se estabelecer como profissão liberal; o enfermeiro tem grande autonomia para a execução das atividades de enfermagem, mas baixo poder decisório perante a equipe de saúde.

Em relação ao que consideram motivador na vida profissional as duas questões mais assinaladas foram em ordem de frequência: boa remuneração e prestar bons serviços à população. Da mesma forma o que menos motiva a profissional foram: a falta de reconhecimento e as condições de trabalho.

Procurou-se investigar as modalidades de vínculos de trabalho que poderiam ser atraentes à categoria. A opinião se dividiu principalmente entre trabalho com vínculo flexível porém bem remunerado (29,8%) e trabalho com vínculo formal (27,4%). Entretanto 12,9% preferiram o vínculo como funcionário público com estabilidade e 12,7% ser bem remunerado não importando a situação trabalhista.

No universo investigado 48,4% dos enfermeiros consideram que a lei do exercício profissional interfere facilitando a profissão. Já em relação à fiscalização dos Conselhos de Enfermagem 29,5% consideram que facilita a profissão e 27,2% acham que não altera.

7- Considerações finais

Iniciaremos estas considerações tomando a questão do desemprego. É consensual que o setor saúde, enquanto setor intensivo de mão de obra, a introdução de inovação tecnológica não é substitutiva do trabalho humano, gerando, pelo contrário, com certa frequência, a criação de novas ocupações e o aumento de postos de trabalho. Tal característica coloca o setor em situação diferenciada no mercado de trabalho em geral, onde se verifica uma relação conflituosa entre inovação tecnológica *versus* desemprego¹⁷.

O cenário já é, de certa forma, favorável para a empregabilidade do enfermeiro. Os achados da pesquisa mostram que, entre os respondentes apenas 1% se declarou desempregado. O dado pode estar influenciado pelo viés da pesquisa, pois, em princípio, pessoas desempregadas não priorizam a participação em congressos.

Todavia, o estudo mostrou que 85,3% do universo informado conseguiram o primeiro emprego com menos de um ano de conclusão da graduação e, com até um ano, 91,9% dos enfermeiros já estavam ocupados. Os dados mostram, ainda, que entre os enfermeiros graduados a partir do ano 2000, 94,4% conseguiram emprego antes de completar um ano de formação.

Procurou-se detectar a ocorrência de desemprego nos últimos três anos na categoria. Verificou-se que 88,7% não estiveram desempregados no período, e dos 19 que informaram tal condição, 52,6% assinalaram período inferior a seis meses. A pesquisa mostrou, ainda, que 75,5% dos enfermeiros não enfrentaram dificuldades para obter uma colocação.

Outro resultado que merece destaque é relativo à rotatividade no emprego. Dos respondentes, 71,8% não haviam mudado de trabalho nos dois últimos anos. Destaque-se, ainda, o fato de cerca de 40% dos enfermeiros possuírem mais de um emprego.

Se associarmos tais resultados com as informações de oferta do sistema educativo, que em 2004 alcançou a marca de 50 mil vagas de graduação ocupadas, refletindo um aumento expressivo da procura por esta graduação, arriscamo-nos a afirmar que **não existe desemprego** estrutural para enfermeiros no país.

Contrariando o discurso dominante, influenciado por fatos conjunturais observados na década de 90, onde a utilização de formas alternativas de contratação de pessoal,

¹⁷ Mattoso, 1999 argumenta que não se pode estabelecer esta relação de linearidade entre introdução de tecnologia e desemprego e que o assunto merece análise mais cuidadosa (p.32-34).

principalmente no setor público, incentivou uma espécie de “modismo” em nome de uma maior eficiência gerencial, verifica-se, pelos resultados apresentados, a reversão de tal tendência no que concerne ao mercado de trabalho dos enfermeiros. Reforçando ainda mais a voz corrente, as limitações impostas pelo aparato legal fizeram com que gestores públicos se valessem de mecanismos de terceirização para burlar os ditames legais.

Tal cenário, observado na década passada, começa a dar sinais de inflexão, tanto pelas ações do Ministério Público impondo a regularização da situação dos trabalhadores no setor, quanto pelas orientações do Ministério da Saúde, que vêm estimulando a adoção de mecanismos de desprecarização do trabalho no SUS.

De fato, a pesquisa constata a existência de 77,8% de vínculos formais no emprego assinalado como principal pelos participantes. Entre os que referiram segundo emprego, 68,3% apresentam a mesma situação. Tais achados, agregados às condições de emprego verificadas neste segmento, reforçam a convicção da inexistência de flexibilização.

Para Fuentes (1997), a migração de trabalhadores para o setor informal é resultado do custo de ajuste da economia, ou seja, dos efeitos deletérios do processo de reestruturação produtiva no mercado de trabalho, constatados pelo aumento da taxa aberta de desemprego. A flexibilização do mercado é considerada uma *variável de ajuste* para minimizar os impactos do *custo de ajuste*. Assim, em não havendo desemprego, o mercado de trabalho do enfermeiro não está sujeito à flexibilização laboral decorrente da informalidade, nem tampouco a formas precárias de trabalho.

Algumas experiências, como as que vêm acontecendo no Amazonas, indicam que cooperativas de enfermeiros estão atraindo profissionais, inclusive de outros estados, acenando com a possibilidade de ganhos acima do mercado. Entretanto, tal situação deve ser analisada como questão residual, não podendo ser generalizada nem apontada como tendência para o mercado.

Neste sentido podemos, também, correr o risco de afirmar que a **flexibilização** do mercado de trabalho e a **precarização** do emprego **não constituem agravo que afete o mercado laboral** dos enfermeiros. Na verdade, o trabalho formal e no âmbito público, é a principal característica deste mercado.

A perspectiva de obter rendimentos mais atrativos faz com que os recém graduados prefiram vínculos mais flexíveis e mais bem remunerados. Já os que têm mais de 30 anos de formado optam por vínculos formais e estáveis, o que guarda coerência com a proximidade da aposentadoria.

Ainda resta por discutir a repercussão para o mercado de trabalho do enfermeiro, nos próximos anos, caso seja mantida a tendência ascendente de ingressantes nos cursos de graduação. Vimos que contaremos nos próximos dois anos, considerando uma taxa de evasão de 30% e considerando para o cálculo o número de ingressantes a partir do ano de 2001, com cerca de mais 99 mil enfermeiros no mercado de trabalho.

Não se pode dizer que o país não necessita de enfermeiros, haja vista a relação *per capita* de 0,6 enfermeiros por 1000 habitantes¹⁸. Dados do Boletim da União Européia¹⁹ mostram contrastes entre os países do Norte daquele continente com os países da Península Ibérica, a Grécia e o Reino Unido. Enquanto os do Norte apresentam relação de mais de 10 enfermeiros para cada 1000 habitantes, nos outros referidos a relação *per capita* é inferior a 5 por 1000 habitantes. Portugal está envidando esforços para atingir, pelo menos, o patamar de cinco por 1000. Mesmo considerando a enfermagem como um todo, o Brasil ainda se situa abaixo desta marca.

Entretanto, o cenário brasileiro merece ser observado e acompanhado, tanto do ponto de vista quantitativo (pelo impacto do aumento da entrada no mercado de trabalho) quanto do ponto de vista qualitativo (pelo desempenho do pessoal formado). Tais questões vêm exigindo a adoção de medidas regulatórias para o setor educacional, que visem assegurar a qualidade dos concluintes da graduação de enfermagem.

Pode-se pensar em algumas tendências para o futuro do mercado de trabalho do enfermeiro. Em primeiro lugar, aumentando a oferta poderá ocorrer uma redução do preço do trabalho no mercado. A competitividade aponta para a necessidade de elevar a qualificação da força de trabalho, *via* alternativas de pós-graduação. O aumento da oferta de enfermeiros poderá diminuir as oportunidades no mercado de trabalho para técnicos e auxiliares.

A graduação de enfermagem parece ser uma alternativa de ascensão social e profissional para os componentes da equipe de enfermagem. Estudos mais específicos sobre o perfil dos graduandos de enfermagem poderão oferecer instrumentos para complementação de uma análise prospectiva para este mercado de trabalho.

Finalmente, este estudo, apesar de não ser conclusivo, e de sua limitação para generalizações, pode elucidar questões, até então tomadas como problemas no trabalho do enfermeiro, deduzidas de suposições reflexivas do mercado de trabalho em geral. O estudo refere ainda a necessidade de novas pesquisas no campo da formação, no de fluxos migratórios, de perfil de enfermeiros e da equipe de enfermagem, bem como do

¹⁸ Cálculo realizado com base nos dados do COFEN de 2006 e a projeção da população para este ano.

¹⁹ Eurotrials, Boletim Informativo nº 5 junho de 2001.

mercado de trabalho de técnicos e auxiliares, que possam vir a complementar a análise e contribuir para o debate.

8 - Bibliografia

- BENJAMIN, C. **Desemprego em uma abordagem teórica**: notas sobre neoclássicos, Keynes e Marx. Disponível em: <http://www.desempregozero.org.br/artigos/desemprego_em_uma_abordagem_teorica.pdf>. Acesso em: 23 out 2004.
- BRASIL. **O exercício da enfermagem em instituições de saúde do Brasil - 1982/1983**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Enfermagem, COFEN/ABEN, v. 1, 1985. 236 p.
- BRASIL. Ministério do trabalho e emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Brasília. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/>>. Acesso em: 21 set 2005.
- BRUNHOFF, S. **A hora do mercado**: crítica do liberalismo. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 182 p.
- DEDECCA, C.S.; PRONI, M.W.; MORETO, A. O trabalho no setor de atenção à saúde. In: NEGRI, B.; GIOVANNI, G. **Brasil: radiografia da saúde**. 2001. p. 175-216.
- EUROTIALS. **Saúde em Mapas e Números**. Boletim Informativo. Portugal, n. 5, jun. 2001.
- FUENTES, M.R. Setor Informal e Reestruturação Produtiva: uma alternativa de emprego nos anos 90? In: CARLEIAL, L. VALLE, R. (org) **Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil**. São Paulo: HUCITEC-ABET, 1997, p 357- 374.
- GIRARDI, S. N. & CARVALHO, C. L. Configurações do mercado de trabalho dos assalariados em saúde no Brasil. **Formação**, Brasília: Ministério da Saúde, v. 2, n. 6, p. 15 - 35, 2002.
- MATTOSO, J. **O Brasil desempregado**: como foram destruídos 3 milhões de empregos no Brasil nos anos 90. Brasília, DF: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999. 48p.
- PIERANTONI, C.; FRANÇA, T.; VARELLA, T. C. Evolução da oferta de profissionais médicos e enfermeiros no Brasil: disponibilidade do sistema educacional para a formação. In: FALCÃO, A. et al (org) **Observatório de recursos humanos em saúde no Brasil**: estudos e análises. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003. p. 279 – 292.
- VIEIRA, A. L. S. Empregabilidade dos enfermeiros no Brasil. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.6, suplemento nº 1, p. 65 - 74, 2002.

ANEXO 1 - Survey

Carta aos Enfermeiros

Prezados Colegas,

A Estação de Trabalho do Instituto de Medicina Social da Rede Observatório de Recursos Humanos em Saúde, coordenada pelo Ministério da Saúde em parceria com a Organização Pan-Americana de Saúde, está realizando uma pesquisa sobre mercado de trabalho dos enfermeiros, estudo que integra as atividades previstas no Plano Diretor desta estação.

Assim pedimos a colaboração de todos no preenchimento do questionário, ora distribuído, sem o qual não será possível a conclusão do trabalho. Cabe esclarecer que o questionário não é identificado, ficando, deste modo, resguardada a privacidade dos dados pessoais coletados.

Lembramos que o estudo sobre mercado de trabalho do enfermeiro será fundamental como subsídio para o desenvolvimento de políticas tanto no campo da saúde com também no do trabalho e da educação, em um momento em que se verifica expansão de postos de trabalho e de oferta de cursos de graduação.

Certos de contar com o apoio de todos e confiante em uma categoria que tem demonstrado grande participação e compromisso com o desenvolvimento científico, agradecemos antecipadamente o empenho.

Estaremos com local no evento devidamente sinalizado para receber os questionários preenchidos bem como esclarecer qualquer dúvida que possa ser suscitada.

Atenciosamente

Estação de Trabalho IMS/UERJ
Rede Observatório de Recursos Humanos em Saúde

Instruções de Preenchimento

Observe as instruções apresentadas a seguir antes de aplicar o questionário.

1. As informações deverão ser registradas a tinta.
2. Observe o fluxo das questões.
3. Observe que há questões em que existe a possibilidade de marcar mais de uma alternativa, nesse caso assinale com “**X**” até quantas forem indicadas.
4. Não deixe nenhuma questão em branco, exceto quando o fluxo indicar salto de questões.
5. Obrigado por sua colaboração.

BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO

1. **Sexo:** 1 M 2 F
2. **Ano de nascimento:** (_____)
3. **Nacionalidade:** 1 Brasileira 2 Estrangeira - País? _____
4. **Naturalidade:** (sigla do estado)
5. **Você é principal responsável pela manutenção da casa?**
1 Sim 2 Não
6. **Estado onde reside** (sigla)
7. **Município em que reside** _____
8. **Município em que trabalha** _____

BLOCO 2 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL

▪ GRADUAÇÃO:

1. **Estado em que se graduou:** _____
2. **Faculdade ou Escola de enfermagem:**
1 Pública 2 Privada
3. **Ano de conclusão:** _____
4. **Realizou estágio extra-curricular durante a graduação?**
1 Sim 2 Não
 - 4.1. **Que tipo?**
1 Acadêmico bolsista
2 Iniciação científica
3 Bolsista de extensão
4 Outro: _____
5. **Fez curso de técnico ou auxiliar de enfermagem antes da graduação em enfermagem?**
Em caso positivo, responda à questão 5.1.
1 Sim 2 Não
 - 5.1. **Exerceu a ocupação de técnico ou auxiliar?**

1 Sim

2 Não

6. Fez outra graduação? Em caso positivo, responda às questões 6.1 e 6.2.

1 Sim

2 Não

6.1. Qual a graduação?

- 1 Ciências biológicas
- 2 Fisioterapia
- 3 Fonoaudiologia
- 4 Medicina
- 5 Odontologia
- 6 Nutrição
- 7 Biomedicina
- 8 Farmácia
- 9 Educação física
- 10 Outra _____

6.2. Ano de conclusão: _____

7. Fez Habilitação? Se a resposta for negativa avance para o próximo item.

1 Sim

2 Não

7.1. Ano de conclusão: _____

7.2. Área

- Saúde Pública
- Médico Cirúrgica
- Obstetrícia
- Licenciatura

7.3. Instituição:

1 Pública

2 Privada

▪ **PÓS-GRADUAÇÃO:**

1. Fez curso de pós graduação?

1 Sim
nº 2

2 Não (*Em caso negativo, passe para a pergunta*

Pós-Graduação	Área *	Instituição	País	Concluído
<input type="checkbox"/> 1. Residência Ano: _____	N.º Código: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Outra. Especifique: _____	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Em curso
<input type="checkbox"/> 2. Especialização Ano: _____	N.º Código: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Outra. Especifique: _____	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Em curso
<input type="checkbox"/> 3. Mestrado Ano: _____	N.º Código: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Outra. Especifique: _____	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Em curso
<input type="checkbox"/> 4. Doutorado Ano: _____	N.º Código: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Outra. Especifique: _____	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Em curso
<input type="checkbox"/> 5. Pós-Doutorado Ano: _____	N.º Código: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Outra. Especifique: _____	<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> Brasil <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Em curso

* **Área/Especialidade:** Ver tabela com os códigos na página nº 16

2. Aprimoramento profissional:

2.1 Tem acesso a Computador/Internet?

- 1 Sim 2 não

2.2. Tema de Interesse: Assinale com um X até 3 opções

- 1 Saúde Pública
- 2 Saúde Coletiva
- 3 Clínica
- 4 Cirurgia
- 5 Obstetrícia
- 6 Educação
- 7 Saúde da Família
- 8 Saúde da Criança
- 9 Saúde do Adolescente
- 10 Saúde da Mulher
- 11 Saúde do Adulto
- 12 Saúde do Idoso
- 13 Saúde do Trabalhador
- 14 Outro _____

3. Há dificuldades em realizar aprimoramento profissional? Em caso afirmativo, responda à questão 3.1

- 1 **Sim** 2 **Não**

3.1 Por que motivo PRINCIPAL? Assinale com um X apenas 1 opção

- 1 Alto custo dos livros e revistas científicas
- 2 Alto custo dos eventos científicos
- 3 Falta de material de estudos no trabalho
- 4 Falta de programa de treinamento no trabalho
- 5 Falta de tempo
- 6 Encargos familiares
- 7 Falta de apoio institucional
- 8 Dificuldade ao acesso ao computador
- 9 Dificuldade ao acesso a internet

4. Que modalidade de aprimoramento profissional gostaria de fazer?

Assinale com um X até 2 opções

- 1 Nenhuma
- 2 Curso de aperfeiçoamento (com menos 360 horas)
- 3 Trabalhar ou estagiar em outra instituição
- 4 Cursos no exterior
- 5 Especialização
- 6 Mestrado
- 7 Doutorado

BLOCO 3 – MERCADO DE TRABALHO

1. Qual sua situação de trabalho atual?

- 1 Ativo (exercendo a profissão de enfermeiro)
- 2 Aposentado
- 3 Desempregado
- 4 Afastado
- 5 Abandonou a profissão

1.1. Se respondeu a opção quatro (AFASTADO) ou cinco (ABANDONOU A PROFISSÃO) da pergunta anterior, qual o principal motivo?

Assinale com um X em apenas 1 opção

- 1 Salário baixo
- 2 Vínculo empregatício precário
- 3 Insatisfação com as condições de trabalho (exceto salário)
- 4 Insatisfação com as condições de infra-estrutura (instalações e equipamentos)
- 5 Razões pessoais e familiares
- 6 Insatisfação com as condições de desenvolvimento profissional (aprimoramento)
- 7 Problemas de saúde
- 8 Outros

1.2. Se respondeu a opção três (DESEMPREGADO) da pergunta nº.1, qual o principal motivo?

Assinale com um X em apenas 1 opção

- 1 Falta de acesso à informação sobre vaga de emprego
- 2 Poucos concursos públicos
- 3 Pouca oportunidade na área em que está habilitado
- 4 Falta de requisitos profissionais para a área do emprego (especialização)
- 5 Não domínio de língua estrangeira
- 6 Não domínio de informática
- 7 Falta de emprego em tempo parcial
- 8 Falta de emprego para pessoas de 40 anos ou mais
- 9 Discriminação racial
- 10 Discriminação religiosa
- 11 Outros _____

Observação - Só continuar a responder o questionário se tiver marcado a opção 1 - **ATIVO**.
(exercendo a profissão de enfermeiro)

2. Com quanto tempo de formado conseguiu o primeiro emprego como enfermeiro?

- 1 Menos de 1 ano de formado
- 2 1 ano de formado
- 3 2 – 3 anos de formado
- 4 4 – 5 anos de formado
- 4 Mais de 5 anos de formado

2.1. Sua primeira atividade profissional foi:

- 1 Emprego público
- 2 Emprego privado
- 3 Autônomo (por conta própria)

3. Há quanto tempo você trabalha como enfermeiro?

- 1 Menos de 1 ano
- 2 1 - 3 anos
- 3 4 - 7 anos
- 4 8 - 11 anos
- 5 12 - 20 anos
- 6 20 - 30 anos
- 7 Mais de 30 anos

4. Quantos empregos como enfermeiro você tem?

- 1 um
- 2 dois
- 3 três
- 4 mais de 3

5. Quais as principais atividades de enfermagem que você exerce com mais frequência

Assinale com um X até 2 opções

- 1 Ensino
- 2 Pesquisa
- 3 Cuidado direto a paciente ambulatorial
- 4 Cuidado direto a paciente hospitalizado
- 5 Administração de setor e ou serviços de saúde
- 6 Administração e supervisão de enfermagem
- 7 Gestão no setor público de saúde
- 8 Trabalho na comunidade
- 9 Outra: _____

6. Qual a sua renda total com o trabalho de Enfermeiro?

- 1 Menos de R\$500
- 2 de R\$500,00 a R\$999,00
- 3 de R\$1000,00 a R\$1999,00
- 4 de R\$2000,00 a R\$3999,00
- 5 de R\$4000,00 a R\$5999,00
- 6 Acima de R\$6000,00

OBS: Para as perguntas 7, 8, 9 responda apenas se o seu vínculo de trabalho for como ENFERMEIRO

7. Qual o emprego que lhe assegura a RENDA PRINCIPAL?

- 1 Público Federal
- 2 Público Estadual
- 3 Público Municipal
- 4 Instituição Privada
- 5 Cooperativa de Trabalho
- 6 Empresa de Assistência em Enfermagem
- 7 Serviço de Apoio Diagnóstico (laboratório, raio X e outros)
- 8 Seguros ou Medicina de Grupo
- 9 Instituição de Ensino Universitária Pública
- 10 Instituição de Ensino Universitária Privada
- 11 Instituição de Ensino Técnico Público
- 12 Instituição de Ensino Privado

Vínculo	Salário mensal (Faixa salarial)	Modalidade da atenção onde desempenha sua atividade	Regime de trabalho	Horas semanais de trabalho
<p>Vínculos diretos:</p> <input type="checkbox"/> Funcionário público estatutário <input type="checkbox"/> Funcionário público CLT <input type="checkbox"/> CLT <input type="checkbox"/> Contrato de prestação de serviço <input type="checkbox"/> Contrato Temporário <input type="checkbox"/> Cargo Comissionado <input type="checkbox"/> Bolsista <input type="checkbox"/> Sócia/Proprietária <p>Vínculos indiretos (terceirizados):</p> <input type="checkbox"/> Cooperativas <input type="checkbox"/> Organização social <input type="checkbox"/> OSCIP <input type="checkbox"/> ONG <input type="checkbox"/> Fundação pública <input type="checkbox"/> Fundação privada <input type="checkbox"/> Entidade filantrópica <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: <hr/>	<input type="checkbox"/> Menos de R\$500 <input type="checkbox"/> de R\$500,00 a R\$999,00 <input type="checkbox"/> de R\$1000,00 a R\$1999,00 <input type="checkbox"/> de R\$2000,00 a R\$3999,00 <input type="checkbox"/> de R\$4000,00 a R\$5999,00 <input type="checkbox"/> Acima de R\$6000,00	<p><i>Assinale com um X na atividade principal</i></p> <input type="checkbox"/> Rede básica de saúde/PSF <input type="checkbox"/> Policlínica <input type="checkbox"/> Ambulatório <input type="checkbox"/> Ambulatório Universitário <input type="checkbox"/> Consultório de enfermagem <input type="checkbox"/> Assistência de enfermagem domiciliar <input type="checkbox"/> Hospital Geral <input type="checkbox"/> Hospital especializado <input type="checkbox"/> Hospital Universitário <input type="checkbox"/> Ensino <input type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Gerência do serviço <input type="checkbox"/> Nível Central <input type="checkbox"/> Remoção de pacientes <input type="checkbox"/> Cedido: _____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> diarista <input type="checkbox"/> plantonista	<input type="checkbox"/> 20 h <input type="checkbox"/> 30 h <input type="checkbox"/> 40 h <input type="checkbox"/> 60 h

8. Possui um segundo vínculo como enfermeiro? (Caso haja)

- 1 Público Federal
- 2 Público Estadual
- 3 Público Municipal
- 4 Instituição Privada
- 5 Cooperativa de Trabalho
- 6 Empresa de Assistência em Enfermagem
- 7 Serviço de Apoio Diagnóstico (laboratório, raio X e outros)
- 8 Seguros ou Medicina de Grupo
- 9 Instituição de Ensino Universitária Pública
- 10 Instituição de Ensino Universitária Privada
- 11 Instituição de Ensino Técnico Público

12 Instituição de Ensino Privado

Vínculo	Salário mensal (Faixa salarial)	Modalidade da atenção onde desempenha sua atividade	Regime de trabalho	Horas semanais de trabalho
<p>Vínculos diretos:</p> <input type="checkbox"/> Funcionário público estatutário <input type="checkbox"/> Funcionário público CLT <input type="checkbox"/> CLT <input type="checkbox"/> Contrato de prestação de serviço <input type="checkbox"/> Contrato Temporário <input type="checkbox"/> Cargo Comissionado <input type="checkbox"/> Bolsista <input type="checkbox"/> Sócia/Proprietária <p>Vínculos indiretos (terceirizados):</p> <input type="checkbox"/> Cooperativas <input type="checkbox"/> Organização social <input type="checkbox"/> OSCIP <input type="checkbox"/> ONG <input type="checkbox"/> Fundação pública <input type="checkbox"/> Fundação privada <input type="checkbox"/> Entidade filantrópica <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: <hr/>	<input type="checkbox"/> Menos de R\$500 <input type="checkbox"/> de R\$500,00 a R\$999,00 <input type="checkbox"/> de R\$1000,00 a R\$1999,00 <input type="checkbox"/> de R\$2000,00 a R\$3999,00 <input type="checkbox"/> de R\$4000,00 a R\$5999,00 <input type="checkbox"/> Acima de R\$6000,00	<p><i>Assinale com um X na atividade principal</i></p> <input type="checkbox"/> Rede básica de saúde/PSF <input type="checkbox"/> Policlínica <input type="checkbox"/> Ambulatório <input type="checkbox"/> Ambulatório Universitário <input type="checkbox"/> Consultório de enfermagem <input type="checkbox"/> Assistência de enfermagem domiciliar <input type="checkbox"/> Hospital Geral <input type="checkbox"/> Hospital especializado <input type="checkbox"/> Hospital Universitário <input type="checkbox"/> Ensino <input type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Gerência do serviço <input type="checkbox"/> Nível Central <input type="checkbox"/> Remoção de pacientes <input type="checkbox"/> Cedido: _____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> diarista <input type="checkbox"/> plantonista	<input type="checkbox"/> 20 h <input type="checkbox"/> 30 h <input type="checkbox"/> 40 h <input type="checkbox"/> 60 h

9. Possui outra situação de trabalho como enfermeiro? (Caso haja)

- 1 Público Federal
- 2 Público Estadual
- 3 Público Municipal
- 4 Instituição Privada
- 5 Cooperativa de Trabalho
- 6 Empresa de Assistência em Enfermagem
- 7 Serviço de Apoio Diagnóstico (laboratório, raio X e outros)
- 8 Seguros ou Medicina de Grupo
- 9 Instituição de Ensino Universitária Pública
- 10 Instituição de Ensino Universitária Privada

- 11 Instituição de Ensino Técnico Público
12 Instituição de Ensino Privado

Vínculo	Salário mensal (Faixa salarial)	Modalidade da atenção onde desempenha sua atividade	Regime de trabalho	Horas semanais de trabalho
<p>Vínculos diretos:</p> <input type="checkbox"/> Funcionário público estatutário <input type="checkbox"/> Funcionário público CLT <input type="checkbox"/> CLT <input type="checkbox"/> Contrato de prestação de serviço <input type="checkbox"/> Contrato Temporário <input type="checkbox"/> Cargo Comissionado <input type="checkbox"/> Bolsista <input type="checkbox"/> Sócia/Proprietária <p>Vínculos indiretos (terceirizados):</p> <input type="checkbox"/> Cooperativas <input type="checkbox"/> Organização social <input type="checkbox"/> OSCIP <input type="checkbox"/> ONG <input type="checkbox"/> Fundação pública <input type="checkbox"/> Fundação privada <input type="checkbox"/> Entidade filantrópica <input type="checkbox"/> Outros. Especifique: <hr/>	<input type="checkbox"/> Menos de R\$500 <input type="checkbox"/> de R\$500,00 a R\$999,00 <input type="checkbox"/> de R\$1000,00 a R\$1999,00 <input type="checkbox"/> de R\$2000,00 a R\$3999,00 <input type="checkbox"/> de R\$4000,00 a R\$5999,00 <input type="checkbox"/> Acima de R\$6000,00	<i>Assinale com um X na atividade principal</i> <input type="checkbox"/> Rede básica de saúde/PSF <input type="checkbox"/> Policlínica <input type="checkbox"/> Ambulatório <input type="checkbox"/> Ambulatório Universitário <input type="checkbox"/> Consultório de enfermagem <input type="checkbox"/> Assistência de enfermagem domiciliar <input type="checkbox"/> Hospital Geral <input type="checkbox"/> Hospital especializado <input type="checkbox"/> Hospital Universitário <input type="checkbox"/> Ensino <input type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Gerência do serviço <input type="checkbox"/> Nível Central <input type="checkbox"/> Remoção de pacientes <input type="checkbox"/> Cedido: _____ <input type="checkbox"/> Outro: _____	<input type="checkbox"/> diarista <input type="checkbox"/> plantonista	<input type="checkbox"/> 20 h <input type="checkbox"/> 30 h <input type="checkbox"/> 40 h <input type="checkbox"/> 60 h

10. Presta assistência particular de enfermagem? *Em caso afirmativo, responda à questão 10.1*

1 Sim

2 Não

10.1. Quanto ganha neste serviço e quantas horas semanais trabalha?

1 Menos de R\$500

1 5 horas

2 de R\$500,00 a R\$999,00

2 6 – 10 horas

3 de R\$1000,00 a R\$1999,00

3 11 – 15 horas

4 de R\$2000,00 a R\$3999,00

4 mais de 15 horas

5 de R\$4000,00 a R\$5999,00

6 Acima de R\$6000,00

11. Presta consulta particular de enfermagem em consultório particular? *Em caso afirmativo, responda à questão 11.1*

1 Sim

2 Não

11.1. Quanto ganha neste serviço e quantas horas semanais trabalha?

1 Menos de R\$500

1 5 horas

2 de R\$500,00 a R\$999,00

2 6 – 10 horas

3 de R\$1000,00 a R\$1999,00

3 11 – 15 horas

4 de R\$2000,00 a R\$3999,00

4 mais de 15 horas

5 de R\$4000,00 a R\$5999,00

6 Acima de R\$6000,00

12. Além da enfermagem, você exerce outra atividade para complementação de renda? *Em caso afirmativo, responda à questão 13.1*

1 Sim

2 Não

12.1. Em quanto complementa a sua renda?

1 Menos de R\$500

2 de R\$500,00 a R\$999,00

3 de R\$1000,00 a R\$1999,00

4 de R\$2000,00 a R\$3999,00

5 de R\$4000,00 a R\$5999,00

6 Acima de R\$6000,00

13. Possui outro emprego na Equipe de saúde?

1 Técnico de enfermagem

2 Auxiliar de enfermagem

3 Atendente de enfermagem

4 Agente de saúde

6 Outros: _____

7 Não

14. Você exerce algum cargo de chefia?

1 Sim Qual? _____

2 Não

15. Já esteve desempregado nos últimos três anos? *Em caso afirmativo, responda à questão 15.1 e 15.2*

1 Sim

2 Não

15.1. Qual principal motivo?

Assinale com um X em apenas 1 opção

1 Problemas pessoais

2 Problemas de saúde

3 Doenças na família

4 Cuidar de filhos

5 Estudar

6 Dificuldade de encontrar emprego

BLOCO 4 – A Enfermagem e sua participação Sócio-Política – opinativas

1. Você está satisfeito com o seu exercício profissional como enfermeiro?

1 Sim

. Por quê?

Assinale com um X em apenas 1 opção

- Porque me realizo profissionalmente.
- Porque sou bem remunerado.
- Porque sempre gostei da área do cuidado ao ser humano.
- Porque tenho autonomia
- Outro: _____

2 Não

. Por quê?

Assinale com um X em apenas 1 opção

- Porque tenho que trabalhar muito e não sou bem remunerado.
- Porque não tenho reconhecimento perante a sociedade.
- Porque enfermagem não era a minha primeira escolha como profissão.
- Porque não tenho autonomia
- Porque tenho uma jornada de trabalho elevada
- Outro: _____

- 2 Qualquer membro da equipe de enfermagem é denominado de enfermeiro
- 3 Pelas limitações de atos a serem praticados pelo enfermeiro pela lei do exercício profissional
- 4 Porque os enfermeiros são, na maioria, oriundos de classes populares.
- 5 Não sei explicar o motivo
- 6 Outro _____

6. Na sua percepção, o que mudou para o enfermeiro a partir da implantação do Sistema Único de Saúde?

Assinale com um X apenas 1 opção

- 1 Ampliou o mercado de trabalho
- 2 Reduziu o mercado de trabalho
- 3 Melhorou as perspectivas profissionais
- 4 Não interferiu
- 5 Não sei opinar

7. Como você percebe a profissão do enfermeiro em relação à autonomia profissional?

Assinale com um X apenas 1 opção

- 1 O enfermeiro tem grande autonomia para a execução de todas as atividades de saúde.
- 2 O enfermeiro tem grande autonomia para a execução das atividades de enfermagem, mas baixo poder decisório perante a equipe de saúde.
- 3 O enfermeiro tem baixa autonomia tanto para a execução das atividades de enfermagem quanto perante os demais profissionais da equipe de saúde
- 4 O enfermeiro vem aumentando seu grau de autonomia tendo na atualidade possibilidade de se estabelecer como profissão liberal
- 5 O enfermeiro na sua essência é uma profissão com baixa autonomia e subordinação técnica
- 6 Não sei opinar

8. O que considera como motivador na vida profissional?

Assinale com um X até 2 opções

- 1 Boa remuneração
- 2 Boas condições no ambiente de trabalho
- 3 Reconhecimento profissional
- 4 Carga horária reduzida
- 5 Prestar bons serviços à população
- 6 Ter bons colegas no trabalho
- 7 Ocupar cargos de comando
- 5 Não sou motivado com o trabalho de enfermeiro

9. E o que menos motiva em sua vida profissional?

Assinale com um X até 2 opções

- 1 Falta de reconhecimento
- 2 Carga horária
- 3 Ter mais de 1 emprego
- 4 Trabalhar em vínculos diversos
- 5 Condições de trabalho
- 6 Outros

10. Sobre seu trabalho como enfermeiro, você prefere:

Assinale com um X em apenas 1 opção

- 1 Trabalho com vínculo formal
- 2 Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- 3 Em instituição privada
- 4 Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado
- 5 Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- 6 Não sei opinar

5 Outra _____

11. A legislação do exercício profissional interfere:

- 1 Facilitando a profissão
- 2 Ampliando o mercado de trabalho
- 3 Dificultando a profissão
- 4 Não altera
- 5 Não conheço

12. A fiscalização dos Conselhos de Enfermagem interfere:

- 1 Facilitando a profissão
- 2 Ampliando o mercado de trabalho
- 3 Dificultando a profissão
- 4 Não altera
- 5 Não sei opinar

PESQUISA - MERCADO DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS

CÓDIGOS DE ÁREAS / ESPECIALIDADES

Códigos	Denominação - Áreas / Especialidades
	1. Residência
1.1	Enfermagem
1.2	Cirúrgica
1.3	Cuidados Paliativos
1.4	Obstétrica
1.5	Oncologia Clínica
1.6	Oncológica
1.7	Psiquiátrica
1.8	Saúde da Família
1.9	Saúde Pública
	2. Especialização
2.1	Administração da Assistência de Enfermagem em Serviço de Saúde
2.2	"Lato Sensu" em Educação em Saúde
2.3	Administração de Recursos Humanos
2.4	Administração e Qualidade Hospitalar
2.5	Administração Hospitalar
2.6	Aero-espacial
2.7	Alta Complexidade
2.8	Aperfeiçoamento em Sistematização da Assistência
2.9	Áreas de Administração Hospitalar
2.10	Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente
2.11	Atenção à Saúde da Mulher
2.12	Atenção à Saúde do Idoso
2.13	Atendimento Domiciliar (home care)
2.14	Atendimento Pré-Hospitalar
2.15	Auditoria em Enfermagem
2.16	Auditoria em Sistemas de Saúde
2.17	Bioética
2.18	Cardiologia
2.19	Cardiovascular
2.20	Central de Material e Esterilização
2.21	Centro Cirúrgico
2.22	Cirúrgica
2.23	Clínica
2.24	Consulta de Enfermagem e Exame Físico
2.25	Controle de Infecção Hospitalar
2.26	Cuidados Críticos
2.27	Cuidados Intensivos
2.28	Dermatologia
2.29	Diagnósticos por Imagem
2.30	Doenças Contagiosas
2.31	Doenças Infecto- Parasitárias
2.32	Educação continuada
2.33	Emergência
2.34	Emergência e Urgência

2.35	Endocrinologia
2.36	Enfermagem no Controle da Dor
2.37	Enfermagem no Controle do Câncer
2.38	Enfermagem no Trabalho
2.39	Epidemiologia
2.40	Ergonomia
2.41	Estomaterapia: ostomias,feridas e incontinência
2.42	Formação Pedagógica em Educação Profissional na Área da Saúde
2.43	Formação Pedagógica para Educação Profissional na Área de Enfermagem
2.44	Gerencial
2.45	Gerenciamento de Unidades e Serviços de Enfermagem
2.46	Gerenciamento em Enfermagem
2.47	Geriátrica e Gerontológica
2.48	Gestão de Sistemas e Serviços de Vigilância Epidemiológica e Controle de Doenças
2.49	Ginecológica
2.50	Hemodinâmica
2.51	Higiene e Educação do Trabalho
2.52	História da Enfermagem
2.53	Hospitalar
2.54	Informática
2.55	Intensivista
2.56	Materno-Infantil
2.57	Médico-Cirúrgica
2.58	Metodologia da Assistência em Enfermagem
2.59	Métodos Dialíticos
2.60	Nefrologia
2.61	Neonatal
2.62	Nutrição Parenteral
2.63	Obstétrica
2.64	Oftalmologia
2.65	Oncologia
2.66	Pediátrica
2.67	Pediátrica Neonatológica
2.68	Planejamento e administração em Saúde
2.69	Pneumologia
2.70	Políticas de Planejamento Familiar
2.71	Projetos Assistenciais de Enfermagem
2.72	Promoção da Saúde
2.73	Psiquiátrica
2.74	Recrutamento e seleção de Pessoal
2.75	Saúde
2.76	Saúde Coletiva
2.77	Saúde da Família
2.78	Saúde da Família e da Comunidade
2.79	Saúde do Adulto
2.80	Saúde Mental
2.81	Saúde Pública
2.82	Terapias Naturais
2.83	Trabalho
2.84	Trabalho Endoscopia
2.85	Traumato-ortopedia
2.86	Unidade de Terapia Intensiva
	3. Mestrado
3.1	Mestrado em Enfermagem

3.2	Mestrado em Cuidado Clínico em Saúde
3.3	Mestrado em Educação
3.4	Mestrado em Enfermagem em Saúde Pública
3.5	Mestrado em Enfermagem Fundamental
3.6	Mestrado em Enfermagem na Saúde do Adulto
3.7	Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica
3.8	Mestrado em Saúde Coletiva
3.9	Mestrado em Saúde Pública
3.10	Mestrado Profissional em Enfermagem*
3.11	Mestrado Profissional em Gestão da Saúde*
4. Doutorado	
4.1	Doutorado em Enfermagem
4.2	Doutorado em Educação
4.3	Doutorado em Enfermagem em Saúde Pública
4.4	Doutorado em Enfermagem Fundamental
4.5	Doutorado em Enfermagem na Saúde do Adulto
4.6	Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica
4.7	Doutorado em Saúde Coletiva
4.8	Doutorado em Saúde Pública
5. Pós-doutorado	
5.1	Enfermagem
5.2	Educação
5.3	Enfermagem em Saúde Pública
5.4	Enfermagem Fundamental
5.5	Enfermagem na Saúde do Adulto
5.6	Enfermagem Psiquiátrica
5.7	Saúde Coletiva
5.8	Saúde Pública

* Mestrado profissional

ANEXO 2 – Relatório Tabular

BLOCO 1 – IDENTIFICAÇÃO

Tabela 1 - Distribuição dos enfermeiros por gênero. Brasil, 2005.

SEXO	Fi	F%
Masculino	59	10,44
Feminino	502	88,85
Não-resposta	4	0,71
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Tabela 2 - Distribuição dos enfermeiros por ano de nascimento. Brasil, 2005.

NASCIMENTO	Fi	F%
Anterior a 1950	34	6,02
De 1950 a 1959	175	30,97
De 1960 a 1969	188	33,27
De 1970 a 1979	135	23,89
1980 e acima	26	4,60
Não respondeu	7	1,24
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Tabela 3 - Distribuição dos enfermeiros segundo a nacionalidade. Brasil, 2005.

NACIONALIDADE	Fi	F%
Brasileira	560	99,12
Estrangeira	2	0,35
Não respondeu	3	0,53
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Tabela 4 - Distribuição dos enfermeiros segundo a naturalidade. Brasil, 2005.

NATURALIDADE	Fi	F%
AC	2	0,35
AL	14	2,48
AM	6	1,06
AP	2	0,35
BA	35	6,19
CE	16	2,83
DF	5	0,88
ES	6	1,06
GO	41	7,26
MA	19	3,36
MG	40	7,08
MS	3	0,53
MT	7	1,24

PA	14	2,48
PB	29	5,13
PE	19	3,36
PI	18	3,19
PR	21	3,72
RJ	92	16,28
RN	24	4,25
RO	2	0,35
RS	35	6,19
SC	25	4,42
SE	16	2,83
SP	59	10,44
TO	5	0,88
Não respondeu	10	1,77
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Tabela 5 - Distribuição dos enfermeiros segundo a responsabilidade pela manutenção da casa. Brasil, 2005.

MANUTENÇÃO DA CASA	Fi	F%
Sim	314	55,58
Não	244	43,19
Não respondeu	7	1,24
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Tabela 6 - Distribuição dos enfermeiros por estado onde residem. Brasil, 2005.

UF ONDE RESIDE	Fi	F%
AL	17	3,01
AM	11	1,95
AP	4	0,71
BA	32	5,66
CE	10	1,77
DF	15	2,65
ES	4	0,71
GO	48	8,50
MA	13	2,30
MG	29	5,13
MS	2	0,35
MT	18	3,19
PA	9	1,59
PB	22	3,89
PE	13	2,30
PI	18	3,19
PR	20	3,54
RJ	121	21,42
RN	25	4,42
RO	2	0,35
RS	24	4,25

SC	20	3,54
SE	16	2,83
SP	53	9,38
TO	14	2,48
Não-resposta	5	0,88
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ - 2005.

Tabela 7 - Distribuição dos enfermeiros por município onde residem. Brasil, 2005.

MUNICÍPIO ONDE RESIDE	Fi
Rio de Janeiro	79
Goiânia	30
São Paulo	27
Natal	19
Salvador	16
João Pessoa	16
Curitiba	14
Teresina	13
Niterói	13
Brasília	13
Aracaju	13
São Luis	12
Cuiabá	12
Maceió	11
Belo Horizonte	11
Manaus	10
Porto Alegre	9
Fortaleza	9
Recife	8
Campinas	8
Florianópolis	7
Palmas	6
Campos dos Goytacazes	6
Belém	6
Duque de Caxias	5
Juiz de Fora	4
Campina Grande	4
Uberaba	3
São Gonçalo	3
Rondonópolis	3
Petrópolis	3
Paraíso do Tocantins	3
Macapá	3
Lages	3
Jequié	3
Itajubá	3
Itabuna	3
Cotia	3
Aparecida de Goiânia	3
Vitória da Conquista	2
Uberlândia	2
Teresina de Goiás	2

Santa Maria	2
Santa Helena de Goiás	2
Santa Cruz do Sul	2
Ribeirão Preto	2
Queimados	2
Porto Velho	2
Penedo	2
Mossoró	2
Lusitânia	2
Londrina	2
Joinville	2
Ipameri	2
Guarulhos	2
Feira de Santana	2
Caxias do Sul	2
Castelo	2
Cascavel	2
Carlinda	2
Araruama	2
Arapiraca	2
Araguari	2
Outros variados	95
Não resposta	5

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 8 - Distribuição dos enfermeiros por município onde trabalham. Brasil, 2005.

MUNICÍPIO ONDE TRABALHA	Fi
Rio de Janeiro	91
Goiânia	32
São Paulo	30
Natal	17
Curitiba	15
Aracaju	13
Salvador	13
Não resposta	12
João Pessoa	12
São Luis	12
Brasília	11
Cuiabá	11
Belo Horizonte	10
Manaus	10
Fortaleza	9
Recife	9
Teresina	9
Campinas	8
Porto Alegre	8
Florianópolis	7
Maceió	7
Niterói	7
Palmas	6
Belém	5
Campina Grande	5

Campos	5
Duque de Caxias	5
Juiz de Fora	4
Itabuna	3
Itajubá	3
Jequié	3
Lages	3
Macapá	3
Natalândia	3
Paraíso do Tocantins	3
Rondonópolis	3
Santa Cruz do Sul	3
São Paulo de Olivença	3
Teresina de Goiás	3
Afonso Bezerra	2
Araguari	2
Arapiraca	2
Araruama	2
Brasileia	2
Camacan	2
Carlinda	2
Cascavel	2
Castelo	2
Castelo do Piauí	2
Caxias do Sul	2
Feira de Santana	2
Guarulhos	2
Ipameri	2
Joinville	2
Londrina	2
Luziania	2
Penedo	2
Petrópolis	2
Porto Velho	2
Ribeirão Preto	2
Santa Helena de Goiás	2
Uberaba	2
Uberlândia	2
Vitória da Conquista	2
Outros variados	99

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

BLOCO 2 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

* GRADUAÇÃO

Tabela 1 - Distribuição dos enfermeiros por estado onde realizou a graduação. Brasil, 2005.

ESTADO ONDE SE GRADUOU	Fi	F%
AC	1	0,18
AL	11	1,95
AM	8	1,42
AP	2	0,35
BA	36	6,37
CE	13	2,30
DF	4	0,71
ES	4	0,71
GO	56	9,91
MA	13	2,30
MG	33	5,84
MS	1	0,18
MT	10	1,77
PA	14	2,48
PB	36	6,37
PE	16	2,83
PI	14	2,48
PR	19	3,36
RJ	117	20,71
RN	23	4,07
RR	1	0,18
RS	34	6,02
SC	22	3,89
SE	12	2,12
SP	56	9,91
Não respondeu	9	1,59
TOTAL	565	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 2 - Distribuição dos enfermeiros segundo a natureza jurídica da instituição onde graduou. Brasil, 2005.

INSTITUIÇÃO	Fi	F%
Privada	217	38,41
Pública	346	61,24
Não respondeu	2	0,35
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 3 - Distribuição dos enfermeiros segundo ano de conclusão da graduação. Brasil, 2005.

ANO DE CONCLUSÃO	Fi	F%
Anterior a 1960	3	0,53
De 1960 a 1969	9	1,59
De 1970 a 1979	95	16,81
De 1980 a 1989	199	35,22
De 1990 a 1999	134	23,72
2000 e acima	115	20,35
Não respondeu	10	1,77
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 4 - Distribuição dos enfermeiros segundo a realização de estágio extracurricular durante a graduação. Brasil, 2005.

ESTÁGIO	Fi	F%
Sim	354	62,65
Não	205	36,28
Não respondeu	6	1,06
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 4.1 - Distribuição dos enfermeiros por tipo de estágio extracurricular realizado durante a graduação. Brasil, 2005.

TIPO DE ESTÁGIO	Fi	F%
Acadêmico Bolsista	169	47,70
Iniciação Científica	48	13,60
Bolsista de Extensão	70	19,80
Outro	127	35,90

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 5 - Distribuição dos enfermeiros segundo a realização de curso técnico ou auxiliar de enfermagem antes da graduação. Brasil, 2005.

CURSO TÉCNICO OU AUXILIAR	Fi	F%
Sim	109	19,29
Não	451	79,82
Não respondeu	5	0,88
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 5.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo o exercício profissional como técnico ou auxiliar de enfermagem antes da graduação. Brasil, 2005.

EXERCÍCIO DE TÉCNICO OU AUXILIAR	Fi	F%
Sim	90	82,57
Não	19	17,43
TOTAL	109	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 6 - Distribuição dos enfermeiros segundo a realização de outra graduação. Brasil, 2005.

OUTRA GRADUAÇÃO	Fi	F%
Sim	51	9,03
Não	487	86,19
Não respondeu	27	4,78
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 6.1 - Distribuição dos enfermeiros por área da outra graduação. Brasil, 2005.

ÁREA DE GRADUAÇÃO	Fi	F%
Humanas	30	58,82
Área da Saúde	15	29,41
Tecnológica	6	11,76
TOTAL	51	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 6.2 - Distribuição dos enfermeiros por ano de conclusão da outra graduação cursada. Brasil, 2005.

ANO DE CONCLUSÃO	Fi	F%
Anterior a 1960	1	1,96
De 1960 a 1969	2	3,92
De 1970 a 1979	6	11,76
De 1980 a 1989	15	29,41
De 1990 a 1999	12	23,53
2000 e acima	12	23,53
Não respondeu	3	5,88
TOTAL	51	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 7 - Distribuição dos enfermeiros segundo a realização de habilitação. Brasil, 2005.

HABILITAÇÃO	Fi	F%
Sim	315	55,75
Não	198	35,04
Não respondeu	52	9,20
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 7.1 - Distribuição dos enfermeiros por ano de conclusão da habilitação. Brasil, 2005.

ANO DE CONCLUSÃO	Fi	F%
Anterior a 1970	5	1,59
De 1970 a 1979	49	15,56
De 1980 a 1989	116	36,83
De 1990 a 1999	72	22,86
2000 e acima	50	15,87
Não respondeu	23	7,30
TOTAL	315	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 7.2 - Distribuição dos enfermeiros por área de habilitação. Brasil, 2005.

ÁREA	Fi	F%
Saúde Pública	141	44,76
Médico Cirúrgica	65	20,63
Obstetrícia	43	13,65
Licenciatura	97	30,79

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 7.3 - Distribuição dos enfermeiros segundo a natureza jurídica da instituição onde realizou a habilitação. Brasil, 2005.

INSTITUIÇÃO	Fi	F%
Pública	213	67,62
Privada	92	29,21
Não respondeu	10	3,17
TOTAL	315	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

* PÓS-GRADUAÇÃO

Tabela 1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a realização da pós-graduação. Brasil, 2005.

PÓS-GRADUAÇÃO	Fi	F%
Sim	485	85,84
Não	60	10,62
Não respondeu	20	3,54
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 1.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo os tipos de pós-graduação. Brasil, 2005.

PÓS-GRADUAÇÃO	Fi	F%
Residência	37	7,60
Especialização	445	91,80
Especialização II	115	23,70
Mestrado	179	36,90
Doutorado	66	13,60
Pós-Doutorado	4	0,80

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 1.1.1 - Distribuição dos enfermeiros por ano de residência. Brasil, 2005.

ANO DA RESIDÊNCIA	Fi	F%
Anterior a 1980	5	13,50
De 1980 a 1989	7	18,90
De 1990 a 1999	5	13,50
De 2000 em diante	10	27,00
Não respondeu	10	27,00
TOTAL	37	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 1.1.2 - Distribuição dos enfermeiros segundo a área de residência. Brasil, 2005.

ÁREA DA RESIDÊNCIA	Especificar
Outro	Auditoria em enfermagem
287	
223	
2.8	
2.57	
2.15	
2,5	
19	
19	
18	
18	

17	
14	
14	
14	
12	
11.1	
11	
11	
11	Cardiologia
1.9	
1.9	
1.8	
1.6	
1.2	
1.16	
1.11	
1.1	
1.1	
17	
11	
	Clinica e cirúrgica cardiovascular
	Medicina do aparelho locomotor
	Enfermagem Pediátrica
	Enfermagem terapia intensiva

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 1.1.3 - Distribuição dos enfermeiros segundo a natureza jurídica da instituição onde cursou/cursa a residência. Brasil, 2005.

INSTITUIÇÃO DA RESIDÊNCIA	Fi	F%
Pública	33	89,19
Privada	4	10,81
TOTAL	37	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 1.1.4 - Distribuição dos enfermeiros por país onde cursou/cursa a residência. Brasil, 2005.

PAÍS DA RESIDÊNCIA	Fi	F%
Brasil	34	91,89
Não respondeu	3	8,11
TOTAL	37	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 1.1.5 - Distribuição dos enfermeiros segundo a conclusão da residência. Brasil, 2005.

CONCLUSÃO DA RESIDÊNCIA	Fi	F%
Sim	30	81,08
Em curso	2	5,41
Não	3	8,11
Não respondeu	2	5,41
TOTAL	37	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 1.2 - Distribuição dos enfermeiros segundo o ano de conclusão da especialização. Brasil, 2005.

ANO DA ESPECIALIZAÇÃO	Fi	F%
Antes de 1980	17	3,94
De 1980 a 1989	55	12,73
De 1990 a 1999	76	17,59
De 2000 e acima	135	31,25
Não respondeu	149	34,49
TOTAL	432	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 2 - Número de Enfermeiros com acesso ao Computador/Internet. Brasil, 2005.

ACESSO AO COMPUTADOR/INTERNET	Fi	F%
Sim	535	94,69
Não	18	3,19
Não respondeu	12	2,12
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 2.1 - Distribuição dos enfermeiros por tema de interesse para o aprimoramento profissional. Brasil, 2005.

TEMA DE INTERESSE	Fi	F%
Saúde Pública	221	41,31
Saúde Coletiva	186	34,77
Clínica	84	15,70
Cirurgia	77	14,39
Obstetrícia	67	12,52
Educação	210	39,25
Saúde da Família	151	28,22
Saúde da Criança	66	12,34
Saúde do Adolescente	28	5,23
Saúde da Mulher	92	17,20
Saúde do Adulto	98	18,32
Saúde do Idoso	65	12,15
Saúde do Trabalhador	90	16,82
Outros	124	23,18

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 2.2 - Distribuição dos enfermeiros quanto à dificuldade de realizar o aprimoramento profissional. Brasil, 2005.

DIFICULDADE	Fi	F%
Sim	338	59,82
Não	222	39,29
Não respondeu	5	0,88
TOTAL	565	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 2.2.1 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao principal motivo relacionado à dificuldade de realizar o aprimoramento profissional. Brasil, 2005.

MOTIVO PRINCIPAL	Fi	F%
Alto custo dos eventos científicos	72	21,30
Falta de apoio institucional	68	20,12
Falta de tempo	62	18,34
Alto custo dos livros e revistas científicas	57	16,86
Encargos familiares	37	10,95
Falta de programa de treinamento no trabalho	30	8,88
Falta de material de estudos no trabalho	3	0,89
Dificuldade ao acesso ao computador	3	0,89
Não respondeu	6	1,78
TOTAL	338	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 2.2.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a modalidade de aprimoramento profissional desejada. Brasil, 2005.

MODALIDADE DESEJADA	Fi	F%
Nenhuma	7	1,24
Curso de aperfeiçoamento (com menos 360 horas)	66	11,68
Trabalhar ou estagiar em outra instituição	31	5,49
Cursos no exterior	129	22,83
Especialização	70	12,39
Mestrado	249	44,07
Doutorado	191	33,81

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

BLOCO 3 - MERCADO DE TRABALHO

Tabela 1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a situação de trabalho atual. Brasil, 2005.

SITUAÇÃO DE TRABALHO ATUAL	Fi	F%
Ativo (exercendo a profissão de Enfermeiro)	543	96,11
Aposentado	9	1,59
Desempregado	6	1,06
Afastado	1	0,18
Abandonou a profissão	2	0,35
Não-resposta	4	0,71
TOTAL	565	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 1.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo o motivo principal de afastamento ou abandono da profissão. Brasil, 2005.

MOTIVO PRINCIPAL DO AFASTAMENTO/ABANDONO	Fi	F%
Salário baixo	1	33,3
Insatisfação com as condições de trabalho (exceto salário)	1	33,3
Outros	1	33,3
TOTAL	3	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 1.2 - Distribuição dos enfermeiros segundo o principal motivo de desemprego. Brasil, 2005.

PRINCIPAL MOTIVO DO DESEMPREGO	Fi	F%
Pouca oportunidade na área em que está habilitado	2	33,33
Falta de acesso à informação sobre vaga de emprego	1	16,67
Falta de emprego para pessoas de 40 anos ou mais	1	16,67
Valorização do profissional enfermeiro na cidade onde moro	1	16,67
Outro	1	16,67
TOTAL	6	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 2 - Distribuição dos enfermeiros segundo a obtenção do primeiro emprego após formado. Brasil, 2005.

PRIMEIRO EMPREGO	Fi	F%
Menos de 1 ano de formado	463	85,27
1 ano de formado	36	6,63
De 2 a 3 anos de formado	22	4,05
De 4 a 5 anos de formado	11	2,03
Mais de 5 anos de formado	6	1,10
Não-resposta	5	0,92
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 2.1 - Distribuição dos enfermeiros quanto à natureza da primeira atividade profissional. Brasil, 2005.

PRIMEIRA ATIVIDADE PROFISSIONAL	Fi	F%
Emprego público	285	52,49
Emprego privado	240	44,20
Autônomo (por conta própria)	11	2,03
Não respondeu	7	1,29
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 3 - Distribuição dos enfermeiros por tempo que exerce a profissão. Brasil, 2005.

TEMPO QUE TRABALHA COMO ENFERMEIRO	Fi	F%
Menos de 1 ano	20	3,68
De 1 a 3 anos	57	10,50
De 4 a 7 anos	77	14,18
De 8 a 11 anos	60	11,05
De 12 a 20 anos	135	24,86
De 20 a 30 anos	166	30,57
Mais de 30 anos	22	4,05
Não respondeu	6	1,10
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 4 - Distribuição dos enfermeiros segundo o número de empregos como enfermeiro. Brasil, 2005.

NÚMERO DE EMPREGOS	Fi	F%
Um	258	47,51
Dois	214	39,41
Três	52	9,58
Mais de três	10	1,84
Não respondeu	9	1,66
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 5 - Distribuição dos enfermeiros segundo as principais atividades de enfermagem freqüentemente exercidas. Brasil, 2005.

PRINCIPAIS ATIVIDADES	Fi	F%
Ensino	279	51,38
Pesquisa	124	22,84
Cuidado direto a paciente ambulatorial	128	23,57
Cuidado direto ao paciente hospitalizado	164	30,20
Administração de setor e ou serviços de saúde	100	18,42
Administração e supervisão de enfermagem	78	14,36
Gestão no setor público de saúde	37	6,81
Trabalho na comunidade	66	12,15
Outra	11	2,03

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 6 - Distribuição dos enfermeiros por renda total com o trabalho de enfermeiro. Brasil, 2005.

RENDA TOTAL	Fi	F%
Menos de R\$500,00	1	0,2
De R\$500,00 a R\$999,00	4	0,7
De R\$1000,00 a R\$1999,00	65	12
De R\$2000,00 a R\$3999,00	287	52,9
De R\$4000,00 a R\$5999,00	131	24,1
Acima de R\$6000,00	52	9,6
Não-resposta	3	0,6
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 7 - Distribuição dos enfermeiros por emprego que assegura renda principal. Brasil, 2005.

EMPREGO DA RENDA PRINCIPAL	Fi	F%
Público Federal	113	20,81
Público Estadual	113	20,81
Público Municipal	138	25,41
Instituição Privada	57	10,50
Cooperativa de Trabalho	6	1,10
Empresa de Assistência em Enfermagem	1	0,18
Instituição de Ensino Universitária Pública	44	8,10
Instituição de Ensino Universitária Privada	47	8,66
Instituição de Ensino Técnico Público	4	0,74
Instituição de Ensino Técnico Privado	6	1,10
Autarquia	1	0,18
Não respondeu	13	2,39
TOTAL	543	100

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 7.1 - Distribuição dos enfermeiros por vínculo empregatício no emprego principal. Brasil, 2005.

VÍNCULO EMPREGATÍCIO	Fi	F%
Funcionário público estatutário	302	55,62
CLT	80	14,73
Funcionário público CLT	41	7,55
Contrato de prestação de serviço	38	7,00
Contrato Temporário	24	4,42
Fundação privada	8	1,47
Cargo Comissionado	6	1,10
Cooperativas	4	0,74
Sócia/Proprietária	4	0,74
Entidade filantrópica	3	0,55
Fundação pública	1	0,18
ONG	1	0,18
Outros. Contrato verbal	1	0,18
Bolsista	1	0,18
Não respondeu	29	5,34
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 7.2 - Distribuição dos enfermeiros por salário mensal no emprego principal. Brasil, 2005.

SALÁRIO MENSAL	Fi	F%
Menos de R\$500	3	0,55
De R\$1000 a R\$ 1999	0	0,00
De R\$1000,00 a R\$1999,00	123	22,65
De R\$2000,00 a R\$3999,000	270	49,72
De R\$4000,00 a R\$5999,000	71	13,08
De R\$500,00 a R\$999,00	12	2,21
Acima de R\$6000,00	28	5,16
Não respondeu	36	6,63
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 7.3 - Distribuição dos enfermeiros segundo a modalidade da atenção onde desempenha sua atividade no emprego principal. Brasil, 2005.

MODALIDADE DA ATENÇÃO	Fi	F%
Ensino/Pesquisa	119	21,92
Rede básica de saúde/PSF	115	21,18
Hospital Geral	83	15,29
Hospital Universitário	42	7,73
Hospital especializado	37	6,81
Gerência do serviço	32	5,89
Ambulatório	16	2,95
Ensino	14	2,58
Nível Central	13	2,39
Outro	10	1,84
Consultório de enfermagem	7	1,29
Policlínica	6	1,10
Ambulatório Universitário	4	0,74
Remoção de pacientes	3	0,55
Cedido: TJE	1	0,18
Cedido: P.M.	1	0,18
Não respondeu	40	7,37
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 7.4 - Distribuição dos enfermeiros por regime de trabalho no emprego principal. Brasil, 2005.

REGIME DE TRABALHO	Fi	F%
Diarista	332	61,14
Plantonista	91	16,76
Não respondeu	120	22,10
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 7.5 - Distribuição dos enfermeiros por horas semanais de trabalho no emprego principal. Brasil, 2005.

HORAS SEMANAIS DE TRABALHO	Fi	F%
20h	52	9,58
24h	2	0,37
30h	121	22,28
36h	3	0,55
40h	304	55,99
60h	13	2,39
Não respondeu	48	8,84
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 8 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao segundo vínculo como enfermeiro. Brasil, 2005.

SEGUNDO VÍNCULO	Fi	F%
Público Federal	26	11,00
Público Estadual	55	23,20
Público Municipal	58	24,50
Instituição Privada	34	14,30
Cooperativa de Trabalho	7	3,00
Empresa de Assistência em Enfermagem	1	0,40
Instituição de Ensino Universitária Pública	14	5,90
Instituição de Ensino Universitária Privada	26	11,00
Instituição de Ensino Técnico Público	10	4,20
Instituição de Ensino Técnico Privado	0	0,00
Autarquia	1	0,40
Não respondeu	5	2,10
TOTAL	237	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 8.1 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao segundo tipo de vínculo empregatício. Brasil 2005.

VÍNCULO EMPREGATÍCIO	Fi	F%
Funcionário público estatutário	96	40,50
CLT	47	19,80
Contrato de prestação de serviço	27	11,40
Contrato Temporário	26	11,00
Funcionário público CLT	19	8,00
Cooperativas	5	2,10
Entidade filantrópica	4	1,70
Fundação privada	4	1,70
Cargo Comissionado	3	1,30
Bolsista	2	0,80
Fundação pública	2	0,80
Organização social	1	0,40
Sócia/Proprietária	1	0,40
TOTAL	237	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 8.2 - Distribuição dos enfermeiros quanto salário mensal no segundo emprego. Brasil, 2005.

FAIXA SALARIAL	Fi	F%
Menos de R\$500	10	4,20
De R\$1000,00 a R\$1999,00	115	48,50
De R\$2000 a R\$ 3999	0	0,00
De R\$2000,00 a R\$3999,000	50	21,10
De R\$4000,00 a R\$5999,000	8	3,40
De R\$500,00 a R\$999,00	41	17,30
Acima de R\$6000,00	3	1,30
Não respondeu	10	4,20
TOTAL	237	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 8.3 - Distribuição dos enfermeiros quanto à modalidade da atenção desempenhada no segundo emprego. Brasil, 2005.

MODALIDADE DA ATENÇÃO	Fi	F%
Ensino/Pesquisa	64	27,00
Hospital Geral	44	18,60
Rede básica de saúde/PSF	25	10,50
Hospital especializado	19	8,00
Gerência do serviço	13	5,50
Ensino	12	5,10
Ambulatório	11	4,60
Nível Central	11	4,60
Hospital Universitário	6	2,50
Outro	5	2,10
Policlínica	4	1,70
Remoção de pacientes	3	1,30
Assistência de enfermagem domiciliar	2	0,80
Cedido	2	0,80
Cedido Estado	1	0,40
Cedido Federal	1	0,40
Ambulatório Universitário	1	0,40
Não-resposta	13	5,50
TOTAL	237	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 8.4 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao regime de trabalho no segundo emprego. Brasil, 2005.

REGIME DE TRABALHO	Fi	F%
Diarista	144	60,80
Plantonista	60	25,30
Não respondeu	33	13,90
TOTAL	237	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 8.5 - Distribuição dos enfermeiros por horas semanais de trabalho no segundo emprego. Brasil, 2005.

HORAS SEMANAIS	Fi	F%
12h	2	0,80
20h	75	31,60
30h	84	35,40
36h	1	0,40
40h	52	21,90
60h	3	1,30
Não respondeu	20	8,40
TOTAL	237	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 9 - Distribuição dos enfermeiros quanto à terceira situação de trabalho como enfermeiro. Brasil, 2005.

OUTRA SITUAÇÃO DE TRABALHO	Fi	F%
Público Federal	4	6,90
Público Estadual	6	10,30
Público Municipal	7	12,10
Instituição Privada	8	13,80
Cooperativa de Trabalho	7	12,10
Instituição de Ensino Universitária Pública	5	8,60
Instituição de Ensino Universitária Privada	8	13,80
Instituição de Ensino Técnico Público	5	8,60
Instituição de Ensino Técnico Privado	3	5,20
Não respondeu	5	8,60
TOTAL	58	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 9.1 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao vínculo no terceiro emprego. Brasil, 2005.

VÍNCULO EMPREGATÍCIO	Fi	F%
Contrato Temporário	13	22,40
Funcionário público estatutário	13	22,40
CLT	11	19,00
Contrato de prestação de serviço	9	15,50
Cooperativas	5	8,60
Funcionário público CLT	2	3,40
Cargo Comissionado	2	3,40
Outros	2	3,40
Fundação pública	1	1,70
TOTAL	58	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 9.2 - Distribuição dos enfermeiros por faixa salarial no terceiro emprego. Brasil, 2005.

FAIXA SALARIAL	Fi	F%
Menos de R\$500	7	12,10
De R\$500,00 a R\$999,00	21	36,20
De R\$1000,00 a R\$1999,00	19	32,80
De R\$2000,00 a R\$3999,000	10	17,20
Acima de R\$6000,00	1	1,70
TOTAL	58	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 9.3 - Distribuição dos enfermeiros por modalidade da atenção desempenhada no terceiro emprego. Brasil, 2005.

MODALIDADE DE ATENÇÃO	Fi	F%
Ensino/Pesquisa	32	55,20
Hospital especializado	6	10,30
Hospital Geral	5	8,60
Gerência do serviço	4	6,90
Outro:	2	3,40
Nível Central	2	3,40
Rede básica de saúde/PSF	2	3,40
Remoção de pacientes	2	3,40
Pesquisa	1	1,70
Cedido	1	1,70
Hospital Universitário	1	1,70
TOTAL	58	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 9.4 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao regime de trabalho no terceiro emprego. Brasil, 2005.

REGIME DE TRABALHO	Fi	F%
Diarista	28	48,30
Plantonista	15	25,90
Não respondeu	15	25,90
TOTAL	58	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 9.5 - Distribuição dos enfermeiros por horas semanais de trabalho no terceiro emprego. Brasil, 2005.

HORAS SEMANAIS DE TRABALHO	Fi	F%
20h	30	51,70
30h	15	25,90
40h	3	5,20
60h	1	1,70
Não respondeu	9	15,50
TOTAL	58	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 10 - Distribuição dos enfermeiros por prestação de assistência particular. Brasil, 2005.

ASSISTÊNCIA PARTICULAR	Fi	F%
Sim	5	0,92
Não	432	79,56
Não respondeu	106	19,52
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 10.1 - Distribuição dos enfermeiros por salário e horas semanais trabalhadas na prestação de assistência particular. Brasil, 2005.

SALÁRIO	Fi	F%
Menos de R\$500	4	80,00
De R\$1000,00 a R\$1999,00	1	20,00
TOTAL	5	100,00
HORAS		
5 horas	2	40,00
Não-resposta	3	60,00
TOTAL	5	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 11 - Distribuição dos enfermeiros que realizam consulta particular de enfermagem. Brasil, 2005.

CONSULTA PARTICULAR	Fi	F%
Sim	6	1,10
Não	412	75,87
Não respondeu	125	23,02
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 11.1 - Distribuição dos enfermeiros por salário e horas semanais trabalhadas na consulta particular de enfermagem. Brasil, 2005.

SALÁRIO	Fi	F%
Menos de R\$500	1	16,67
De R\$500,00 a R\$999,00	2	33,33
De R\$2000,00 a R\$3999,00	1	16,67
Acima de R\$6000,00	1	16,67
Não respondeu	1	16,67
TOTAL	6	100,00
HORAS		
5 horas	1	16,67
6 a 10 horas	2	33,33
Mais de 15 horas	1	16,67
Não respondeu	2	33,33
TOTAL	6	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 12 - Distribuição dos enfermeiros segundo o exercício de outra atividade para complementação de renda. Brasil, 2005.

OUTRA ATIVIDADE	Fi	F%
Sim	67	12,34
Não	400	73,66
Não respondeu	76	14,00
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 12.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo renda complementar. Brasil, 2005.

COMPLEMENTO DA RENDA	Fi	F%
Menos de R\$500	14	20,90
De R\$500,00 a R\$999,00	27	40,30
De R\$1000,00 a R\$1999,00	16	23,88
De R\$2000,00 a R\$3999,00	7	10,45
Não-resposta	3	4,48
TOTAL	67	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 13 - Distribuição dos enfermeiros quanto a outro emprego na equipe de saúde. Brasil, 2005.

OUTRO EMPREGO NA EQUIPE DE SAÚDE	Fi	F%
Técnico de enfermagem	6	1,10
Auxiliar de enfermagem	7	1,29
Atendente de enfermagem	1	0,18
Agente de saúde	1	0,18
Outros	5	0,92

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 14 - Distribuição dos enfermeiros segundo o desemprego nos últimos 3 anos e o principal motivo. Brasil, 2005.

DESEMPREGADO NOS ÚLTIMOS 3 ANOS	Fi	F%
Sim	19	3,50
Não	482	88,77
Não respondeu	42	7,73
TOTAL	543	100,00
PRINCIPAL MOTIVO		
Dificuldade de encontrar emprego	6	31,58
Problemas pessoais	3	15,79
Estudar	2	10,53
Dificuldade de encontrar emprego	1	5,26
Outros:	1	5,26
Outros: rescisão de contrato temporário	1	5,26
Outros: Mudança de cidade	1	5,26
Outros: Opção própria	1	5,26
Problemas de saúde	1	0,00
Não respondeu	2	15,79
TOTAL	19	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 14.2 - Distribuição dos enfermeiros por tempo de desemprego. Brasil, 2005.

QUANTO TEMPO	Fi	F%
Menos de seis meses	10	52,63
De seis meses a um ano	5	26,32
2 a 4 anos	1	5,26
Não respondeu	3	15,79
TOTAL	19	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 16 - Distribuição dos enfermeiros segundo as dificuldades em encontrar emprego nos últimos 3 anos. Brasil, 2005.

DIFICULDADES DE ENCONTRAR EMPREGO	Fi	F%
Sim	19	3,50
Não	410	75,51
Não respondeu	114	20,99
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 16.1 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao tipo de dificuldades em encontrar emprego nos últimos 3 anos. Brasil, 2005.

DIFICULDADES ENCONTRADAS	N=19	
	Fi	F%
Poucos concursos públicos	5	26,32
Pouca oportunidade na área em que está habilitado	4	21,05
Falta de requisitos profissionais para a área do emprego (especialização)	6	31,58
Não domínio de língua estrangeira	1	5,26
Não domínio de informática	1	5,26
Falta de emprego em tempo parcial	2	10,53
Falta de emprego para pessoas de 40 anos ou mais	1	5,26
Outros	2	10,53

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 17 - Distribuição dos enfermeiros quanto ao número de vezes que mudou de emprego nos últimos 2 anos. Brasil, 2005.

MUDOU DE EMPREGO NOS ÚLTIMOS DOIS ANOS	Fi	F%
Nenhuma	390	71,82
Uma	60	11,05
Duas	21	3,87
Três	6	1,10
Mais de três	3	0,55
Não respondeu	63	11,60
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 17.1 - Distribuição dos enfermeiros quanto às razões de mudança de emprego nos últimos 2 anos. Brasil, 2005.

RAZÕES DE MUDANÇA DE EMPREGO	N=90	
	Fi	F%
Conciliar trabalho e estudo	8	8,89
Conciliar encargos familiares	3	3,33
Conciliar dois ou mais empregos	10	11,11
Insatisfação salarial	14	15,56
Insatisfação com vínculo empregatício	13	14,44
Insatisfação com as condições de trabalho	14	15,56
Insatisfação com o ambiente de trabalho (Relações interpessoais)	15	16,67
Escala de serviço	4	4,44
Motivo de saúde	1	1,11
Mudança de cidade	14	15,56
Outros	15	16,67

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

BLOCO 4 - A ENFERMAGEM E SUA PARTICIPAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA - OPINATIVAS

Tabela 1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a satisfação com o exercício profissional como enfermeiro. Brasil, 2005.

SATISFAÇÃO COM O EXERCÍCIO PROFISSIONAL	Fi	F%
Sim	411	75,70
Não	109	20,10
Não respondeu	23	4,20
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 1.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a justificativa da satisfação profissional. Brasil, 2005.

JUSTIFICATIVA DA SATISFAÇÃO PROFISSIONAL	Fi	F%
Porque me realizo profissionalmente	249	60,58
Porque sempre gostei da área do cuidado ao ser humano	125	30,41
Porque tenho autonomia	23	5,60
Porque sou bem remunerado	4	0,97
Outro	6	1,46
Não respondeu	4	0,97
TOTAL	411	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 1.2 - Distribuição dos enfermeiros segundo a justificativa da insatisfação profissional. Brasil, 2005.

JUSTIFICATIVA DA INSATISFAÇÃO PROFISSIONAL	Fi	F%
Porque tenho que trabalhar muito e não sou bem remunerado	59	54,10
Porque tenho uma jornada de trabalho elevada	23	21,10
Porque não tenho reconhecimento perante a sociedade	12	11,00
Porque não tenho autonomia	7	6,40
Porque não tenho vínculo empregatício que me garanta direitos	1	0,90
Desvalorização da categoria por sobrecarga de funções	1	0,90
Porque enfermagem não era a minha primeira escolha como profissão	1	0,90
Relação interpessoal	1	0,90
Não há investimento institucional em treinamento e faltam condições de trabalho.	1	0,90
Desorganização da UBS, novo modelo de assistência excesso de demanda.	1	0,90
Não-resposta	1	0,90
Outro:	1	0,90
TOTAL	109	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 2 - Distribuição dos enfermeiros segundo a satisfação com as condições de trabalho. Brasil, 2005.

SATISFAÇÃO COM AS CONDIÇÕES DE TRABALHO	Fi	F%
Sim	173	31,90
Não	328	60,40
Não respondeu	42	7,70
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 2.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a justificativa da satisfação com as condições de trabalho. Brasil, 2005.

JUSTIFICATIVA DA SATISFAÇÃO COM AS CONDIÇÕES DE TRABALHO	Fi	F%
Porque tenho uma infra-estrutura adequada para trabalhar	75	43,35
Porque conto com uma equipe para realizar as atividades, sem sobrecarregar os demais profissionais.	42	24,28
Porque desempenho minha atividade sem a carência de materiais	32	18,50
Outro	16	9,25
Não respondeu	8	4,62
TOTAL	173	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005

Tabela 2.2 - Distribuição dos enfermeiros segundo a justificativa da insatisfação com as condições de trabalho. Brasil, 2005.

JUSTIFICATIVA DA INSATISFAÇÃO COM AS CONDIÇÕES DE TRABALHO	Fi
Porque não apresenta infra-estrutura para desempenhar minha atividade	134
Porque apresenta falta de recursos humanos	83
Porque apresenta falta de recursos materiais	65
Outro: devido a questões políticas	1
Outro: Irresponsabilidade de alguns gestores, descumprimento da lei 7498/86, ausência de enfermeiros.	1
Outro: Gestor local sem conhecimento em saúde	1
Outro: Faltam materiais e RH	1
Outro: Falta incentivo das instituições no investimento dos profissionais	1
Outro: Falta de RH e Recursos Humanos	1
Outro: Falta de recursos Humanos e recursos materiais	1
Outro: Falta de recursos humanos e materiais	1
Outro: Falta de gerenciamento compartilhado	1
Outro: Falta de compromisso político com a que determina o SUS	1
Outro: Falta apoio e motivação por parte da chefia	1
Outro: Desorganização hospitalar e falta autonomia da coordenação de enfermagem	1
Outro: As três opções acima	1
Outro: As duas primeiras opções	1
Outro: A primeira e segunda opção	1
Outro: informalidade do contrato de trabalho gerando insegurança	1
Outro:	1
Não tenho autonomia para atuar.	1

Falta de atualização da biblioteca	1
Outro: Desorganização da UBS, novo modelo de assistência; excesso de demanda.	1
Outro: Falta de apoio da chefia para aprimoramento profissional	1
Outro: Carga horária	1
Por falta de espaço para enfermagem descansar no horário noturno e condições gerais como carga horária	1
Outro: Planejamento dentro da minha área	1
Outro: Não tenho oportunidade para assumir outros cargos	1
Outro: Não sou efetiva, posso perder o emprego a qualquer momento.	1
Outro: Muito serviço pouco salário	1
Outro: Falta de integração da equipe de trabalho	1
Outro: Falta apoio técnico e infra-estrutura para pesquisa	1
Outro: É desgastante	1
Outro: As opções 1 e 2	1
Outro: Curso de Mestrado não reconhecido até o momento	1
Outro: Política	1
Outro: Autonomia, gestores, falta de concursos públicos, meios desleais de testes seletivos	1
Outro: Autonomia	1
Outro: Todos os anteriores e falta de política humanizada	1
Outro: Todas as opções	1
Outro: Sou horista	1
Outro: Somos cerceados pela categoria médica	1
Outro: Sobrecarga e trabalho	1
Outro: Sobrecarga de trabalho	1
Outro: Relacionamentos interpessoais	1
Outro: Distância	1
Não respondeu	3
TOTAL	328

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 3 -. Distribuição dos enfermeiros segundo os principais problemas que afetam a enfermagem. Brasil, 2005.

PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS	Fi	F%
Conflitos no exercício da profissão decorrentes do relacionamento com outros profissionais da equipe de enfermagem	120	22,10
Conflitos no exercício da profissão decorrentes do relacionamento com outros profissionais da equipe de saúde	175	32,23
Pouco desenvolvimento tecnológico para facilitar o trabalho da enfermagem	30	5,52
Condições de trabalho desfavoráveis ao exercício da profissão	213	39,23
Baixo reconhecimento social	171	31,49
Baixos salários	234	43,09
Poucas oportunidades de crescimento profissional	38	7,00
Não considero que a enfermagem tenha problemas	4	0,74
Outro	18	3,31

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 4 - Distribuição dos enfermeiros segundo visão sobre o desempenho de sua atividade. Brasil, 2005.

VISÃO DO ENFERMEIRO QUANTO SUA ATIVIDADE	Fi	F%
Desgastante/Estressante	319	58,75
Cansativa	210	38,67
Prejudica a saúde	47	8,66
Um trabalho como qualquer outro	114	20,99
Não tenho opinião formada	10	1,84

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 4.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a razão atribuída ao considerar sua atividade desgastante/ estressante; cansativa; prejudicial à saúde. Brasil, 2005.

RAZÃO ATRIBUÍDA	Fi	F%
Regime de trabalho	78	19,16
Condições precárias do ambiente de trabalho	3	0,74
Falta de recursos humanos e materiais	72	17,69
Necessidade de ter mais de 1 emprego	103	25,31
Envolvimento psicológico/emocional	50	12,29
Outro	8	1,97
Não respondeu	93	22,85
TOTAL	407	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 5 - Distribuição dos enfermeiros segundo a visão sobre o reconhecimento social de sua atividade. Brasil, 2005.

VISÃO SOBRE O RECONHECIMENTO SOCIAL DE SUA ATIVIDADE	Fi	F%
Sim	495	91,16
Não	21	3,87
Não respondeu	27	4,97
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 5.1 - Distribuição dos enfermeiros segundo a visão atribuída à falta de reconhecimento social de sua atividade. Brasil, 2005.

VISÃO ATRIBUÍDA A FALTA DE RECONHECIMENTO SOCIAL	Fi	F%
O enfermeiro não é reconhecido como profissional de nível universitário	141	28,48
Qualquer membro da equipe de enfermagem é denominado de enfermeiro	213	43,03
Pelas limitações de atos a serem praticados pelo enfermeiro pela lei do exercício profissional	57	11,52
Porque os enfermeiros são, na maioria, oriundos de classes populares.	14	2,83
Não sei explicar o motivo	8	1,62
Outro	13	2,63
Outro: Falta de posicionamento como profissional	24	4,85
Outro: Falta de valorização pela sociedade e pelo trabalho	9	1,82
Outro: Não é reconhecido apesar da importância de seu papel na saúde	8	1,62
Outro: Por questões de gênero	4	0,81
Não respondeu	4	0,81
TOTAL	495	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 6 - Distribuição dos enfermeiros segundo a percepção sobre alterações a partir da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasil, 2005.

PERCEPÇÃO SOBRE ALTERAÇÕES A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS)	Fi	F%
Ampliou o mercado de trabalho	261	48,07
Reduziu o mercado de trabalho	3	0,55
Melhorou as perspectivas profissionais	166	30,57
Não interferiu	56	10,31
Não sei opinar	28	5,16
Piorou	1	0,18
Não respondeu	28	5,16
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 7 - Distribuição dos enfermeiros segundo a percepção de sua profissão em relação à autonomia profissional. Brasil, 2005.

PERCEPÇÃO SOBRE SUA PROFISSÃO EM RELAÇÃO À AUTONOMIA PROFISSIONAL	Fi
O enfermeiro tem grande autonomia para a execução de todas as atividades de saúde.	30
O enfermeiro tem grande autonomia para a execução das atividades de enfermagem	1
O enfermeiro tem grande autonomia para a execução das atividades de enfermagem, mas baixo poder decisório perante a equipe de saúde.	160
O enfermeiro tem baixa autonomia tanto para a execução das atividades de enfermagem quanto perante os demais profissionais da equipe de saúde	49
O enfermeiro vem aumentando seu grau de autonomia tendo na atualidade possibilidade de se estabelecer como profissão liberal	261
O enfermeiro na sua essência é uma profissão com baixa autonomia e subordinação técnica	31
Não sei opinar	5
Não resposta	28
TOTAL	565

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 8 - Distribuição dos enfermeiros por fatores motivantes na vida profissional. Brasil, 2005.

FATORES MOTIVANTES	Fi	F%
Boa remuneração	224	41,25
Boas condições no ambiente de trabalho	163	30,02
Reconhecimento profissional	187	34,44
Carga horária reduzida	32	5,89
Prestar bons serviços à população	215	39,59
Ter bons colegas no trabalho	45	8,29
Ocupar cargos de comando	5	0,92
Não sou motivado com o trabalho de enfermeiro	8	1,47

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 9 - Distribuição dos enfermeiros por fatores desmotivantes na vida profissional. Brasil, 2005.

FATORES DESMOTIVANTES	Fi	F%
Falta de reconhecimento	232	42,73
Carga horária	116	21,36
Ter mais de 1 emprego	105	19,34
Trabalhar em vínculos diversos	59	10,87
Condições de trabalho	218	40,15
Outros	46	8,47

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 10 - Distribuição dos enfermeiros por preferência sobre sua atividade. Brasil, 2005.

PREFERÊNCIA SOBRE SUA ATIVIDADE	Fi	F%
Trabalho com vínculo formal	149	27,44
Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração	70	12,89
Em instituição privada	22	4,05
Trabalho com vínculo mais flexível	1	0,18
Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.	162	29,83
Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista	69	12,71
Não sei opinar	9	1,66
Outra	5	0,92
Outra: Bom salário, boas condições de trabalho, bom relacionamento interpessoal.	3	0,55
Outra: Funcionário público bem remunerado	20	3,68
Outra: Vínculo formal, bem remunerado.	0	0,00
Não-resposta	33	6,08
TOTAL	543	100,00

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 11 - Distribuição dos enfermeiros segundo a interferência da legislação do exercício profissional. Brasil, 2005.

A LEGISLAÇÃO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL INTERFERE:	Fi	F%
Facilitando a profissão	263	48,40
Ampliando o mercado de trabalho	98	18,00
Dificultando a profissão	59	10,90
Não altera	81	14,90
Não conheço	12	2,20

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

Tabela 12 - Distribuição dos enfermeiros segundo a interferência da fiscalização dos conselhos de enfermagem. Brasil, 2005.

A FISCALIZAÇÃO DOS CONSELHOS DE ENFERMAGEM INTERFERE:	Fi	F%
Facilitando a profissão	160	29,50
Ampliando o mercado de trabalho	98	18,00
Dificultando a profissão	97	17,90
Não altera	148	27,30
Não sei opinar	17	3,10

Fonte: Pesquisa Mercado de Trabalho dos Enfermeiros - RORHES-IMS/UERJ – 2005.

ANEXO 3 – Roteiro da entrevista

ENTREVISTA - MERCADO DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS

Questões Orientadoras

Nome do entrevistado:

Função:

Data da entrevista:

1. Como você vê a Enfermagem no Brasil hoje? E no seu estado?
2. Em sua opinião, quais os problemas que afetam o mercado de trabalho do enfermeiro no seu estado?
3. Em sua opinião, o enfermeiro precisaria de mais reconhecimento na sociedade?
4. Você considera que o enfermeiro tem dificuldade de conseguir emprego formal na atualidade?
5. Você considera que o enfermeiro é uma profissão bem remunerada no mercado de trabalho?
6. Em sua opinião o trabalho do enfermeiro está sujeito à tendência de flexibilização hoje presente no mercado de trabalho em geral?
7. Em sua opinião os enfermeiros estão submetidos a modalidades de trabalho precário?
8. O enfermeiro, na atualidade, está desempenhando mais atividades como autônomo/ profissional liberal?
9. Como você percebe a profissão do enfermeiro em relação à autonomia profissional?
10. Na sua percepção, o que mudou para o enfermeiro a partir da implantação do Sistema Único de Saúde?
11. O que considera como motivador na vida profissional do enfermeiro?
12. E o que menos motiva a vida profissional do enfermeiro?
13. Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

ANEXO 4 – Relatório das entrevistas

ENTREVISTA - MERCADO DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS

Iniciamos as entrevista apresentando a pesquisa e seus objetivos, declarando o interesse em entrevistar atores qualificados que possam analisar o cenário regional e nacional do Mercado de Trabalho.

Dirigentes Regionais dos COREN

Amazonas

Nome do entrevistado: Paulo Lima
Função: Presidente do COREN - AM
Data da entrevista: 26/10/2005

Foi indagado, inicialmente, sobre os problemas que afetam o mercado de trabalho no Estado. Lembrou que há uns anos só eram formados 25 enfermeiros por ano e que, hoje me dia, a oferta aumentou segundo ele “muita oferta para poucos postos”. No Estado do Amazonas o grande empregador é o setor público - estado e municípios. A remuneração está na média de R\$ 1900,00. A prefeitura paga um pouco mais e o setor privado paga menos. Quando inquirido sobre o tipo de trabalho para enfermeiros no estado, informou que ainda predomina o emprego formal. Entretanto, o estado já apresenta sinais de tendência à flexibilização do trabalho com constituição de cooperativas, que já são em torno de cinco, nas quais os enfermeiros ganham cerca de R\$ 400,00 por plantão, com alguns profissionais chegando a receber R\$12.000,00 por mês de trabalho, porém sem direitos trabalhistas. São, na verdade, agências de emprego, de prestação de serviços. Existem cooperativas que já contam com 200

enfermeiros “associados”, o que está representando, na atualidade, uma boa parcela do mercado. Não observa uma tendência à prática liberal do enfermeiro.

Em relação à autonomia reconhece que o enfermeiro a vem adquirindo e conquistando mais espaços, principalmente nos últimos 15 anos, pela atuação do presidente do COFEN. Na atualidade, a grande maioria dos dirigentes de unidades de saúde no estado são enfermeiros. Mas, considera que ainda há subordinação na equipe.

Considera que o SUS ampliou o mercado de trabalho para os enfermeiros, mas frisa que as condições de trabalho são péssimas.

Quando perguntado sobre o elemento mais motivador para o trabalho do enfermeiro apontou a boa formação e o salário. Quando fala em formação refere-se ao enfermeiro capaz e com competência reconhecida. Mas, acredita que o salário vem em primeiro lugar. O que menos motiva os profissionais são os baixos salários e as precárias condições de trabalho.

Acredita que atualmente o enfermeiro tem mais reconhecimento social, pois está se posicionando, mas ainda precisa de mais visibilidade, uma vez que há confusão de identificação na própria equipe de enfermagem.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- G. Trabalho com vínculo formal
- H. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração. (para um grupo)
- I. Em instituição privada
- J. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado. (para outro grupo)
- K. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- L. Não sei opinar

Ceará

Nome do entrevistado: Najla Gurgel
Função: Presidente do COREN - CE
Data da entrevista: 26/10/2005

A presidente do COREN apontou como principais problemas para o trabalho do enfermeiro o desconhecimento das atividades e da legislação, o que pode acarretar subserviência e dificuldade de encontrar emprego. Entretanto, afirmou que conseguem emprego logo que se formam, embora não se realizem profissionalmente. Considera que o emprego formal está diminuindo, e já observa o surgimento de modalidades mais flexíveis. Existem poucos concursos no estado. Considera o salário do enfermeiro abaixo das outras categorias do setor saúde. O estado paga em torno de R\$ 800,00 e a rede privada em torno de R\$1.200,00. Existem várias cooperativas no estado (declarou estar à frente de uma entidade representativa deste segmento) que pagam em média R\$ 15,00 a hora trabalhada. Já para a docência as cooperativas pagam R\$60,00 a hora.

Identifica que já existem empresas de enfermagem no estado que pertencem aos enfermeiros. Considera que a autonomia do enfermeiro aumentou nos últimos 20 anos e que a categoria ocupa mais cargos de chefia, e de direção de unidades, e que muitos são gestores. Aponta que o SUS ampliou muito o mercado de trabalho para os enfermeiros. Acha que a paixão é que motiva o trabalhador enfermeiro e identifica como fator desmotivante as barreiras para o desempenho das atividades (lei do ato médico e outras).

Aponta também como problema o agente de saúde estar desempenhando atividades de enfermagem e percebe a enfermagem ainda com pouco reconhecimento social.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

São Paulo

Nome do entrevistado: Cláudio Álvares Porto
Função: Diretor de Fiscalização do COREN - SP
Data da entrevista: 26/10/2005

O principal problema apontado pelo representante de São Paulo para o exercício da profissão foi a incompatibilidade entre o que se aprende na faculdade, e o que executa na realidade do trabalho. Não acredita que o enfermeiro tenha dificuldades de encontrar emprego, e quanto mais competente, mais fácil se torna encontrar um posto de trabalho no mercado. Isso também está relacionado com a faculdade em que se forma, se pública ou privada. Outra questão apontada foi a região em que se dá a entrada no mercado. Opina que a área de atuação também é um fator que deve ser considerado. Emergência, UTI, *Home Care*, PSF são áreas de maior oferta atualmente.

Apesar de vir crescendo o número de cooperativas, ainda considera que predomina o vínculo formal e que há pouco trabalho precário. No estado o salário varia muito. Na rede privada está entre R\$ 1.500,00 e R\$ 4.000,00, já no setor público o salário varia entre R\$1.200,00 a R\$ 2.800,00.

Percebe o enfermeiro com pouca autonomia, apesar de atualmente estar ocupando cargos de comando (Diretor de Hospitais, Secretários Municipais de Saúde e outros).

Acredita que há uma tendência para o crescimento do trabalho autônomo do enfermeiro em *Home Care* e em Ostomia.

Considera que o mais motivador para a procura da profissão é a perspectiva de emprego. O que menos motiva é o baixo reconhecimento profissional e a baixa valorização, aí se referindo especificamente aos salários.

Admite preocupação com a formação profissional, que precisa melhorar. Acha que o SUS aumentou em muito o mercado principalmente com o PSF. Percebe a Saúde Pública como um campo promissor, mas acha que a tendência principal é para o enfermeiro especializado. Citou como exemplos os novos campos que surgem para o trabalho do enfermeiro, como em Análises Clínicas e em Hemoterapia.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. X Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Paraíba

Nome do entrevistado: Carlos Bezerra de Lima
Função: Ex-Presidente do COREN - PB
Data da entrevista: 26/10/2005

No estado da Paraíba o principal problema para os enfermeiros é a falta de reconhecimento social, evidenciado pela contratação de técnicos e auxiliares ao invés de enfermeiros. Uma outra questão apontada foram os baixos salários. Segundo informou, os salários variam entre R\$ 500,00 e R\$1.500,00 na rede privada e R\$ 400,00 rede Pública. No PSF o salário está na faixa de R\$ 2.000,00.

Não é difícil conseguir emprego, entretanto os salários são baixos e não são boas as condições de trabalho. Exemplificou que 60% dos graduandos vão trabalhar no PSF sem carteira assinada, e que são vinculados por contratos temporários. Acredita que cresce o trabalho precário. O estado conta com uma cooperativa de trabalho.

São utilizados estudantes em estágios extra-curriculares para substituir o trabalho do profissional.

Considera que o enfermeiro, atualmente, tem mais autonomia e ocupa mais cargos de chefia e de direção.

O exercício profissional como autônomo existe, mas ainda é inexpressivo. Um campo importante para o trabalho do enfermeiro foi o SAMU, onde a categoria tem grande expressão.

Aponta que o SUS ampliou o mercado de trabalho, mas se esperava ainda mais.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Espírito Santo

Nome do entrevistado: Antonio Coutinho
Função: Presidente do COREN - ES
Data da entrevista: 26/10/2005

O entrevistado aponta o baixo reconhecimento social como principal problema no trabalho do enfermeiro. Afirma que “ a sociedade não reconhece o enfermeiro”. Diz, ainda, que é necessária a melhoria da qualidade da formação do profissional.

Em sua opinião, no estado não há cooperativa e o principal responsável pela flexibilização do trabalho é o setor público, que utiliza o contrato temporário como forma de vinculação para o PSF. O salário para estes profissionais está na faixa de R\$3.500,00. No setor público os salários variam entre R\$1.200,00 e R\$ 2.000,00, já no setor privado a remuneração está em torno de R\$ 1.000,00.

Considera que a prática do trabalho autônomo é inexpressiva no estado. Afirma que o SUS ampliou o mercado de trabalho dos enfermeiros e, em sua opinião, o enfermeiro tem mais espaço na saúde pública.

O que mais motiva o profissional é o salário, principalmente por causa do PSF. O principal elemento desmotivador é a falta de reconhecimento social.

Reconhece no estado uma tendência para o enfermeiro generalista.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Piauí

Nome do entrevistado: Fátima Sampaio
Função: Presidente do COREN - PI
Data da entrevista: 26/10/2005

O principal problema apontado é a falta de autonomia. Na sua opinião quem manda, ainda, são os médicos. No estado não há dificuldade para o enfermeiro conseguir emprego. Aponta uma tendência aode crescimento de vínculos precários e à diminuição do emprego formal. Refere que a grande maioria dos vínculos são precários.

Em relação ao preço do trabalho do enfermeiro, aponta que o setor privado paga em torno de R\$ 2.400,00 e o setor público na faixa de R\$ 2.000,00, sendo que na capital o salário é menor. O melhor salário é pago pelo PSF.

Diz que no estado não tem cooperativa, mas apenas uma empresa de serviços de enfermagem. É muita pequena a prática do enfermeiro como profissional liberal. Afirma que atualmente tem muitos enfermeiros donos de escolas.

Acha que o enfermeiro perdeu espaço em relação a cargos de chefia e direção. Afirma que há um tempo atrás, em 69% das SMS, os gestores eram enfermeiros e que hoje isso mudou.

Considera que aumentou muito o reconhecimento social do enfermeiro, principalmente no interior, e isso se deu em função do PSF.

O SUS teve um impacto positivo no mercado de trabalho do enfermeiro, principalmente depois do PSF. Atribui ao PSF o aumento das vagas e de cursos de graduação de enfermagem. Acha que a tendência principal é do enfermeiro generalista e de saúde coletiva.

No estado o principal empregador é o setor público.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. X Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Mato Grosso

Nome do entrevistado: Vicente Pereira Guimarães
Função: Presidente do COREN - MT
Data da entrevista: 27/10/2005

Aponta o duplo vínculo como problema, mas que, em MT, a legislação já legalizava o duplo vínculo desde 1990. Considera um grande problema o crescimento de cursos em faculdades sem estrutura, o que julga temeroso para o mercado, podendo resundar na diminuição dos salários e até na falta de emprego no futuro; diz que “teremos problemas daqui a 5 anos”. Atribui a este crescimento, e ao aumento da procura pela graduação de enfermagem, a boa perspectiva do mercado de trabalho. “O enfermeiro em Mato Grosso já está contratado antes de colar grau”, afirma.

O PSF é o maior empregador e o que mais bem remunera. Os salários variam de R\$ 2.500,00 a R\$ 5.000,00. No setor privado os salários são mais baixos, variando entre R\$ 800,00 a R\$ 1.200,00 mas, podendo chegar a R\$ 2.500,00.

O estado paga em torno de R\$ 2.700,00 por 30 horas, já no município esta faixa vai de R\$ 1.200,00 a R\$ 1.500,00. No interior o salário é menor.

Em relação ao futuro do mercado, acha que os bons permanecerão; a maior parte dos técnicos e auxiliares está fazendo graduação.

As formas de contrato para o PSF são pela CLT ou por contrato temporário. Mas, acredita que no estado, vendo o mercado como um todo, ainda predominam os vínculos formais.

Citou a prática de estágio voluntário como forma de utilização da força de trabalho, principalmente para técnicos e auxiliares- “para o enfermeiro isso é pouco”.

Considera que aumentou a autonomia do enfermeiro, mas está tendo muitos problemas com a lei do ato médico. Tem havido, inclusive, tentativas de prisão dos profissionais por causa disso. No estado, atualmente, os enfermeiros ocupam mais cargos de chefia (gestores de SMS, direção de hospital, assessorias, etc). Afirma que o COFEN teve papel decisivo para firmar o enfermeiro em cargos de direção.

Diz que no estado a prática de Home Care é baixa. A Unimed tem um serviço de Home Care. Entretanto, está começando um novo tipo de atividade – empresas de consultoria. Observam-se, também, muitos enfermeiros *auditores*.

Aponta que o SUS teve um impacto muito grande no mercado de trabalho. Acha que o Ministro José Serra privilegiou a enfermagem. O PSF aumentou muito a empregabilidade do enfermeiro.

Considera que a empregabilidade é o principal motivador do enfermeiro. E, o que menos motiva, são os baixos salários, principalmente do setor privado. Considera que este setor está enfrentando sérias dificuldades no estado pois três grandes hospitais privados fecharam recentemente.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Alagoas

Nome do entrevistado: Delano Barros
Função: Tesoureiro do COREN - AL
Data da entrevista: 27/10/2005

Alagoas importa enfermeiros de outros estados. O quantitativo atual é de 1500, mas a necessidade é de cerca de 4mil. Os profissionais têm pouca qualificação. A oferta de cursos de pós-graduação é muito baixa no estado. Em Alagoas não tem mestrado e estima que um número expressivo de enfermeiros está à procura de uma pós-graduação, seja *latu sensu* ou *strictu sensu*.

No estado já existem cooperativas de trabalho de enfermeiros que trabalham com *Home Care*. Entretanto, ainda predomina o vínculo formal. O setor público é um importante empregador- “ aumentou com concurso público”.

Considera que o impacto do SUS seja relativo no mercado de trabalho, pois atribui um maior impacto ao PSF, que aumentou o emprego com vínculos formais.

O salário pago no PSF varia entre R\$ 2500,00 e R\$ 3.000,00. No restante do setor público o salário está na faixa de R\$ 1.800,00 e R\$ 2.000,00, havendo gratificações para quem trabalha em urgência e em emergência. O setor privado remunera menos estando os salários entre R\$ 800,00 e R\$900,00.

Todos os profissionais têm pelo menos 2 vínculos.

Considera que a autonomia dos enfermeiros tem aumentado tanto na capital como no interior (acha que aí ainda é melhor). Apesar disso ainda avalia como baixa a autonomia do enfermeiro pelas restrições na atuação. Aponta que os enfermeiros têm ocupado mais cargos de chefia e de gestores.

Em relação ao trabalho autônomo, vê uma grande tendência no estado. Exemplifica com a abertura da primeira casa de parto privada trabalhando com

enfermeiros. Além disso, existem consultórios de enfermagem em obstetrícia com uma boa demanda. Pesquisas no estado demonstraram que o pré-natal feito por enfermeiros diminuiu os riscos para o parto. Afirma que 90% dos partos atualmente tiveram pré-natal realizado por enfermeiros, com diminuição dos riscos.

Avalia que o que mais motiva a categoria é a empregabilidade, e o que menos motiva é a falta de autonomia em alguns hospitais.

Considera que o reconhecimento social do enfermeiro aumentou, pois sua atuação reduziu a mortalidade infantil no estado.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Distrito Federal

Nome do entrevistado: Eduardo Pereira de Carvalho

Função: Secretário do COREN - DF

Data da entrevista: 27/10/2005

Participou também da Entrevista a Presidente do Sindicato dos Enfermeiros do DF-

Foi apontado como problema o número reduzido de profissionais na rede pública, pois existem poucas vagas. Calcula que exista um déficit de 1300 profissionais. Considera que há uma disparidade salarial, tanto entre instituições como entre profissionais da equipe de saúde. Para exemplificar, diz que no setor público o salário varia entre R\$1.200,00 chegando até a R\$6.000,00. No setor privado os salários pagos estão entre R\$1.200,00 e R\$2.600,00. O PSF está pagando em torno de R\$ 3.000,00.

Avalia que o enfermeiro tem boa empregabilidade, e que predomina o emprego formal. No DF são poucas as cooperativas de trabalho, mas a prática de *Home Care* vem crescendo. Os enfermeiros que estão no PSF têm vínculos formais e ingressaram através de seleção pública.

Acredita que os enfermeiros atualmente possuem mais autonomia, e atribui a isso a melhoria da qualidade do ensino da enfermagem e a legislação. Considera que o SAMU tem sido um campo de trabalho que contribuiu para o aumento da autonomia.

No DF é pouco expressivo o trabalho autônomo do enfermeiro, mas existem algumas empresas de *Home Care* e de esterilização. Observa, ainda, a existência de enfermeiros exercendo auditoria e possuindo empresas de remoção de pacientes.

Em sua opinião o SUS teve um impacto positivo no mercado de trabalho, principalmente com a implantação do PSF. Justifica que o aumento do

número de cursos e de vagas para graduação em enfermagem é para atender à necessidade da população. Afirma que não há desemprego para o enfermeiro. Considera que aumentou o reconhecimento social do enfermeiro, que tem ampla participação nos programas oficiais da saúde e maior visibilidade.

A carga horária de trabalho varia entre 20 e 40 horas, mas há um movimento para que seja oficializada a carga horária de 20 horas.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Santa Catarina

Nome do entrevistado: Luis Scarduelli

Função: Presidente do COREN - SC

Data da entrevista: 27/10/2005

Participou também da entrevista Silvia Maria Teixeira Limeira – Coordenadora de Denúncia e Ética do COREN-SC

Foi apontado como problema para o mercado de trabalho a concentração geográfica na capital e no litoral, além dos baixos salários. Há poucos enfermeiros no interior do estado e muita rotatividade. Afirma que já percebe uma diminuição do emprego e uma tendência de migração de enfermeiros para a Itália.

Considera que, no estado, predomina o emprego com vínculo formal, seja por concurso público ou pela CLT. Afirma ser inexpressivo o trabalho de enfermeiros em cooperativas, e que existem cerca de 4 empresas de *Home Care* cujos donos são enfermeiros.

O salário no setor público está em torno de R\$ 1.000,00, e no setor privado varia entre R\$ 1.300,00 a R\$ 2.500,00. No PSF o salário está em torno de R\$ 3.000,00, sendo que os enfermeiros se vinculam por meio de contrato temporário, mas pela CLT. No interior os salários são maiores, mas há dificuldade de fixar o profissional.

O setor público é o maior empregador. Acredita que 80% dos enfermeiros de SC estão no PSF. Ainda é pouco observada a inserção do enfermeiro como profissional liberal, exceto no *Home Care*, que está centrado na capital. O SUS aumentou o mercado de trabalho, principalmente após o PSF.

A maioria dos enfermeiros tem dois ou mais empregos. Considera que houve aumento da autonomia, e que muitos profissionais ocupam cargos de chefia e direção.

Avalia que oferta de empregos é o elemento motivador para os enfermeiros e que a carga horária e os baixos salários são desmotivadores.

Julga que aumentou o reconhecimento social do enfermeiro, e que este é um processo histórico, apesar de o COREN do estado ter sido criado recentemente.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. X Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

ABEN – Nacional

Nome do entrevistado: Francisca Valda da Silva
Função: Presidente
Data da entrevista: 21/02/2006

Apontou como um dos problemas da enfermagem brasileira o fato de é trabalhar na ótica do modelo da medicalização, de tratamento de doença. Argumenta que o papel social dos enfermeiros nos serviços de saúde cresce, e tende a crescer mais ainda pois a força de trabalho é de fácil adaptação, caso haja inversão da lógica do sistema: “Se a lógica institucional for outra, a enfermagem se adapta”. Pontua a necessidade de decisão de governantes e de aplicação de políticas de estado em investimentos na qualificação da força de trabalho de enfermagem, em pesquisa e em desenvolvimento tecnológico. Indica, ainda como problema, a tendência de precarização do trabalho do enfermeiro. Acredita que o enfermeiro vem sendo fortemente atingido pela flexibilização do trabalho.

Analisa que o enfermeiro tem conquistado mais legitimidade com o usuário e visibilidade para a população. Entretanto, apesar da necessidade do trabalho da enfermagem, há pouco reconhecimento e valorização deste trabalho no sistema.

Avalia que o emprego formal vem diminuindo, e que cresce o trabalho informal. Em relação à remuneração, julga ser o enfermeiro alvo de discriminação em termos de valorização econômica, citando como exemplo o PSF onde os enfermeiros tanto recebem salários menores, como são submetidos à carga horária superior à do médico.

Fez uma reflexão sobre a falta de acúmulo de organização social do enfermeiro, que se reflete tanto na postura de submissão intelectual na equipe de

saúde como na reprodução da ideologia dominante com o auxiliar de enfermagem. Tais posturas prejudicam o crescimento coletivo e a solidariedade.

Considera que a prática do enfermeiro ainda é institucionalizada, mas que o trabalho autônomo, como profissional liberal, é um desejo no imaginário da profissão. Na sua avaliação esta modalidade de trabalho não é representativa entre os enfermeiros.

Ao ser indagada sobre o impacto do SUS no mercado de trabalho dos enfermeiros, julga que foi uma influência positiva. Entretanto, insiste que, o que cresceu foram postos de trabalho e não emprego formal. No seu entendimento, houve também um aumento na credibilidade do enfermeiro.

Considera que o enfermeiro tem baixa autonomia na equipe, principalmente no trabalho hospitalar. Avalia que o trabalho na saúde pública possibilita uma maior autonomia. Apesar de reconhecer que os enfermeiros vêm ocupando mais postos de direção, os considera cargos de gestão e não um posto de trabalho específico do enfermeiro, não sendo, portanto, um indicativo de aumento da autonomia da categoria.

Aponta, como elemento motivador, a aspiração de ser um profissional liberal respeitado e com prestígio social. Antigamente a enfermagem era vista como sacerdócio, uma profissão escolhida para fazer caridade. Atualmente, com o desenvolvimento da cidadania, isso mudou. Ser enfermeiro pode representar para muitos a possibilidade de mobilização (ascensão) social. Já, o que menos motiva, é a desvalorização econômica, que também traduz outras formas de desvalorização. “O enfermeiro quer prestígio” diz.

Avalia que a lei do exercício profissional representou avanço, mas acredita que espaço de trabalho não é conquistado com leis auto-regulatórias.

Foi solicitado ao entrevistado escolher uma opção da questão abaixo:

Em sua opinião os enfermeiros, na atualidade, preferem:

- A. Trabalho com vínculo formal
- B. X Funcionário público com estabilidade não importando a remuneração
- C. Em instituição privada
- D. Trabalho com vínculo mais flexível, porém bem remunerado.
- E. X Ser bem remunerado não importando a situação trabalhista
- F. Não sei opinar

Justifica as duas opções por um desejo de associar a estabilidade à boa remuneração